

*Exportações - Brasil*



1290003772

TCC/UNICAMP  
R581b  
1290003772/IE

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia

Fernando Henrique Roccato

## **A Balança Comercial Brasileira em 2007**

Campinas

2008

TCC/UNICAMP  
R581b  
1290003772/IE

*REC 950 602*

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia

Fernando Henrique Roccato

## **A Balança Comercial Brasileira em 2007**

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Econômicas para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Campinas.

Professor Orientador: Prof. Dra. Daniela  
Magalhães Prates

Campinas

2008

Fernando Henrique Roccato

**A Balança Comercial Brasileira em 2007**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Campinas, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dra. Daniela Magalhães Prates

---

Prof. Dr. Célio Hiratuka

Campinas, 25 de novembro de 2008.

## ÍNDICE

Resumo	5
1. Introdução	6
2. O desempenho das exportações	10
2.1. Exportações totais por classe de produto	10
2.2 Exportações por região de destino	12
2.3 Exportações por região de destino e classe de produto	14
2.3.1 Estados Unidos e Canadá	14
2.3.2 União Européia	17
2.3.3 MERCOSUL	18
2.3.4 Ásia	20
2.3.1 Ásia-Pacífico	21
2.3.2 China	23
2.3.3 Japão	24
3 O desempenho das importações	26
3.1 Importações totais por classe de produto	26
3.2 Importações por região de origem	28
3.3 Importações por região de origem e classe de produto	30
3.3.1. Ásia	30
3.3.1.Ásia-Pacífico	31
3.3.2. China	35
3.3.3. Japão	36
3.3.2. União Européia	37
3.3.3. Estados Unidos e Canadá	39
3.3.4. MERCOSUL	41
4. Saldo Comercial	43
5. Conclusões	45
6. Bibliografia	47

## **Resumo**

O presente trabalho se propõe a discutir a inserção externa brasileira em 2007. Dessa forma pretende-se observar quais os elementos responsáveis pelas variações das importações e exportações e quais as origens e destinos mais dinâmicos das compras e vendas externas.

## **Palavras-Chave**

Exportações, Importações, Categorias de Uso, Valorização Cambial

## 1. Introdução

O Balanço de pagamentos é um instrumento que permite registrar “todas as transações econômicas que o país realiza com o resto do mundo, num determinado período de tempo, permitindo avaliar sua situação econômica em relação à economia mundial” (Paulani, 2005: 125). Ele é formado por duas contas principais, a conta capital e financeira e a conta de transações correntes.

Se o país incorre em déficit em transações correntes, ele necessitaria atrair capitais estrangeiros para garantir um superávit na conta capital e financeira e, assim, financiar o desequilíbrio externo. O problema é que a dependência extrema em relação aos recursos externos no contexto de globalização financeira, que se caracteriza pela volatilidade dos fluxos de capitais, e a baixa capacidade de resistência das economias periféricas frente a choques exógenos, ampliariam a vulnerabilidade externa, uma vez que esses fluxos são determinados, principalmente, pela conjuntura dos países centrais, bem como pela dinâmica do mercado financeiro internacional (Carcanholo, 2000).

A Conta de Transações Correntes é formada pela Balança Comercial, pela Balança de Serviços e Rendas e pelas Transferências Unilaterais. A primeira registra a transação de mercadorias entre um país e o exterior, logo um superávit nessa conta implica que um país vende mais produtos ao exterior do que compra do mesmo. A Balança de Serviços e Rendas agrega as transações com intangíveis em geral. Ela se subdivide na Balança de Serviços, onde são registradas as transações envolvendo serviços entre o país e o exterior (por exemplo, viagens internacionais, transportes, seguros, royalties etc) e na Balança de Rendas, onde são contabilizadas as rendas relativas a capital e trabalho – por exemplo juros, lucros e dividendos relativos ao capital não-residente aplicado no país (Prates, Cunha e Ferreira, 2007). Por fim, as Transferências Unilaterais Correntes representam remessas de dinheiro ou bens sem contrapartida, tais como doações, remessas de pessoas que moram em outro país a seus familiares etc (Paulani, 2005).

A conta Capital e Financeira registra, por sua vez, o fluxo de entrada e saída de capital que não se destina à compra de bens e serviços. A primeira registra todas as transferências de capital relacionadas com patrimônio de migrantes e a aquisição de bens não financeiros (por exemplo, patentes e marcas). A conta financeira registra

fluxos decorrentes de transações com ativos e passivos financeiros entre residentes e não-residentes (Paulani, 2005).

No período de 1999 a 2002, o país apresentou déficit nas transações correntes, uma vez que, mesmo nos anos de superávit comercial, o déficit na Balança de Serviços e Rendas acabava por predominar. Nesse mesmo período, a Conta Capital e Financeira foi positiva. Mesmo assim, o resultado global do balanço em três anos, 1999, 2001 e 2002, excluindo os empréstimos do FMI, foi negativo. Dessa forma, o país necessitou de recursos dessa instituição nesses anos e ainda em 2003 (Prates, 2006).

No período posterior (2003 a 2006), o crescimento elevado das exportações colocou o país em uma situação inédita de sucessivos e crescentes superávits na Balança Comercial. O déficit da Balança de Serviços e Rendas, embora com crescimento acentuado entre 2004 e 2005, manteve baixo crescimento nos demais períodos (2003, 2004, 2005 e 2006). Esse fato, aliado aos já citados sucessivos e crescentes superávits na Balança Comercial, levou a inéditos superávits em Transações Correntes. Dessa forma, apesar dos resultados negativos na Conta Capital e Financeira em 2004 e 2005 e com a ajuda dos superávits nessa conta ocorridos em 2003 e 2006, o país obteve resultados expressivos no Balanço de Pagamentos, excluindo o FMI, e ainda conseguiu quitar suas obrigações com esse organismo multilateral no ano de 2005 (idem).

No ano de 2007, no entanto, observa-se pela primeira vez no período considerado uma diminuição nas exportações. Esse fato, aliado ao grande crescimento das importações, levou a um superávit da Balança Comercial que foi menor do que o déficit na Balança de Serviços e Rendas. O país só obteve saldo positivo nas Transações Correntes graças às Transferências Unilaterais. O resultado da Conta Capital e Financeira foi de um superávit cinco vezes superior ao obtido no ano anterior, sobretudo devido ao crescimento do Investimento em Carteira. Dessa forma, o país conseguiu um superávit expressivo no Resultado Global no Balanço de Pagamentos.

Assim, em 2007, ocorreu uma mudança na forma de inserção brasileira na economia mundial, inserção essa mais voltada para a esfera financeira do que para a esfera comercial.

O Instituto de Estudo para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) divulga semestralmente estudos sobre o comércio exterior brasileiro. Esses estudos apontam

de que forma as importações, exportações e o saldo comercial se comportaram no semestre ou ano anterior. Essas variáveis são mostradas por origem/destino e por intensidade tecnológica. São divulgados também as variações de preço, quantum e valor das exportações e importações, totais e por categorias de uso. No estudo “O Comércio Exterior Brasileiro no Primeiro Semestre de 2007 – Evolução, Características Setoriais e Intensidade Tecnológica” conclui-se que tanto exportações quanto importações tiveram aumento em relação a mesmo período do ano anterior, embora o crescimento das compras externas tenha sido mais expressivo. Conclui-se também que, devido à forte valorização cambial, o saldo comercial brasileiro se tornou mais dependente de produtos de baixa e média baixa intensidade tecnológica.

Fernando Puga, por sua vez, em seu texto “A Especialização do Brasil no mapa das exportações mundiais” (Puga, 2007) discute o grau de especialização de diferentes economias do mundo, baseado na comparação entre a participação de um setor na pauta exportadora de um país com a participação desse mesmo setor nas exportações mundiais. Este autor conclui que o Brasil é um país especializado em setores intensivos em recursos naturais; no entanto, suas exportações são mais diversificadas frente a países com a mesma especialização. Assim, de acordo com Puga, ser especializado em recursos naturais não é o mesmo que afirmar que não existam elementos relevantes de alto valor agregado na produção desses bens.

Já Prates, na seção que trata da inserção comercial brasileira de seu texto “A inserção externa da economia brasileira no governo Lula” (Prates, 2006), compara dois períodos: de 1999 a 2002 (pós-flexibilização cambial) e a partir de 2003 (com o aquecimento da economia mundial), delineando as mudanças na taxa de câmbio e nos *drivers* de crescimento das exportações. De maneira geral, o crescimento do quantum exportado é o principal determinante do aumento das exportações no primeiro período enquanto que no segundo é o aumento dos preços. A autora mostra também que o país vem diversificando o número de países compradores de seus produtos.

O presente trabalho pretende mostrar quais as principais origens e destinos das importações e exportações brasileiras, de que forma essas compras e vendas se comportaram em relação às diferentes categorias de uso (bens de capital, bens de consumo, matérias-primas e bens intermediários e combustíveis) e quais os principais determinantes da variação do seu valor (evolução dos preços ou do quantum) no biênio 2006-2007. Pretende-se também cruzar essas informações, a fim de se

observar qual o determinante das variações de importações e exportações para cada região de origem/destino desses produtos.

Este trabalho tem uma abordagem particular já que, diferente dos citados acima, pretende analisar exportações e importações por categorias de uso. Dessa forma, espera-se confirmar os resultados apresentados nos trabalhos de Prates (2006) e do IEDI (2007), de que o Brasil tem se especializado na exportação de matérias-primas e bens intermediários para os países centrais, enquanto exporta mais bens de consumo e de capital para outros países periféricos. Do lado das importações, as compras externas de bens de capital e bens de consumo concentram-se no primeiro grupo de países e aquelas de bens intermediários e matérias-primas no segundo grupo.

## 2. O Desempenho das Exportações

### 2.1. Exportações totais por categorias de uso

As exportações brasileiras totais em 2007 tiveram um crescimento de 16,6% em relação ao ano anterior. Todavia, esse crescimento não foi uniforme nas diferentes categorias de uso, como pode ser observado na Tabela 1.

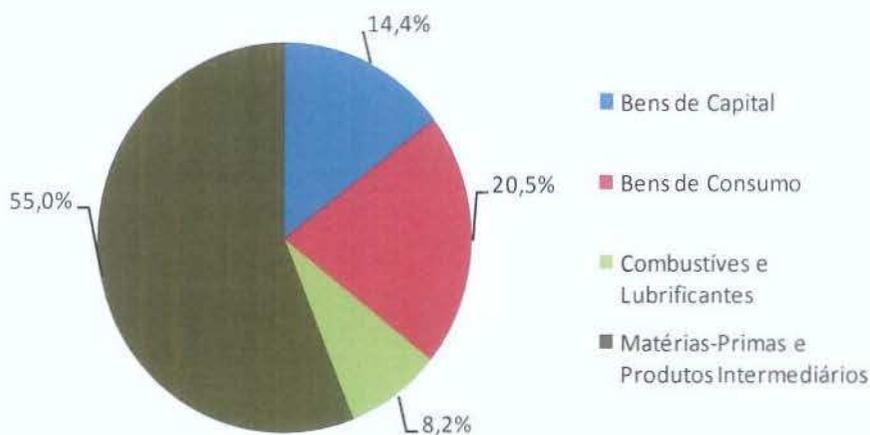
**Tabela 1 - Exportações Brasileiras por categoria de uso (em US\$ milhões FOB)**

	2006	2007	Varição
<b>Total</b>	<b>137.807</b>	<b>160.649</b>	<b>16,6%</b>
Bens de Capital	19.451	23.195	19,2%
Bens de Consumo	28.118	32.963	17,2%
Combustíveis e Lubrificantes	10.479	13.171	25,7%
Matérias-Primas e Produtos Intermediários	77.145	88.324	14,5%

Fonte: SECEX-MDIC. Elaboração própria

As exportações brasileiras de matérias-primas e produtos intermediários apresentaram crescimento inferior à média no período, enquanto as demais categorias de uso tiveram crescimento superior à média, com destaque para as importações de combustíveis e lubrificantes, que foram pouco mais de 25% superiores às do ano anterior. Todavia, apesar do menor crescimento em relação às demais categorias de uso, matérias-primas e produtos Intermediários ainda respondem por mais da metade das exportações brasileiras, como pode ser visto no Gráfico abaixo.

**Gráfico 1 - Exportações Brasileiras por categoria de uso**



Fonte: SECEX-MDIC

É importante examinar os fatores determinantes desse aumento do valor das exportações. As vendas externas brasileiras cresceram em um cenário de queda da taxa de câmbio real, ou seja, de apreciação da moeda doméstica. Seria de se esperar que tal movimento na taxa de câmbio real levasse a uma piora do desempenho das exportações. Todavia, como destaca Prates (2006), as mesmas acabam se beneficiando da alta dos preços das commodities (bens que predominam na pauta exportadora brasileira), da expansão real do comércio mundial e do crescimento econômico dos Estados Unidos e da China.

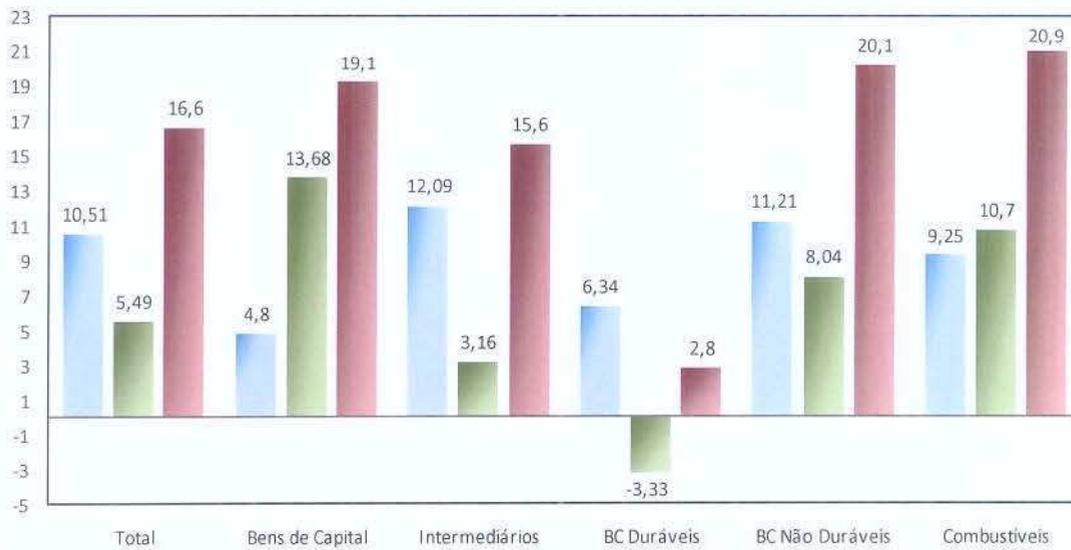
Convém explorar em quais dimensões essas vendas brasileiras aumentam, ou seja, de que forma as variações de preço e de quantum contribuem para esse crescimento. O preço das exportações totais aumentou mais de 10% entre 2006 e 2007, enquanto o quantum total exportado expandiu-se somente 5,5%, levando assim a um crescimento total das exportações de 16,6%. Dessa forma, o aumento dos preços contribuiu com 63,4% para esse crescimento, enquanto o crescimento do quantum exportado foi responsável por 33,1% do mesmo. Os bens intermediários tiveram o maior aumento de preços entre todas as categorias (12,1%), enquanto os bens de capital tiveram o maior aumento de quantum exportado de todas as categorias, crescendo 13,7% entre 2006 e 2007.

Os determinantes do crescimento das exportações de bens intermediários e de bens de consumo são similares aos das exportações totais, com uma expansão e contribuição maiores dos preços do que do quantum exportado. Já as vendas externas de bens de capital e combustíveis crescem com uma contribuição maior do aumento do quantum exportado do que dos preços.

No entanto, essas variações dos índices de preço e quantum exportados mostram-se diferentes em função da região de destino dos produtos exportados e da inserção brasileira nas importações mundiais. Esse tema será abordado na seção 2.3.

Cumprindo ainda destacar que nos anos anteriores as contribuições de preço e quantum para o crescimento das exportações e suas variações mostravam comportamento distinto daquele apresentado entre 2006 e 2007. Como analisa Prates (2006), no triênio 2003-2005, tanto a alta dos preços quanto o crescimento das quantidades exportadas contribuíram para a performance positiva das exportações totais, sendo que a influência deste último foi maior. A variação do índice de preço das exportações totais no período foi de 24%, contribuindo com 40% para o aumento dessas exportações, enquanto a variação do índice de quantum foi de 30%, contribuindo com 50% para o crescimento das mesmas.

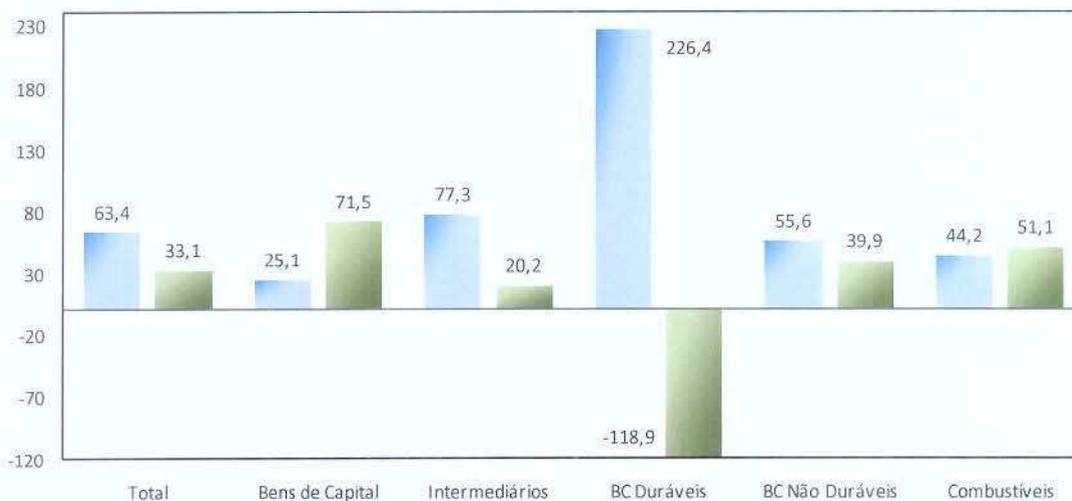
Gráfico 2 - Variação dos índices de preço, quantum e valor das exportações



Fonte: FUNCEX. Elaboração Própria

Preço Quantum Valor

Gráfico 3 - Contribuição das variações de preço e quantum para o crescimento das exportações



Fonte: FUNCEX. Elaboração Própria

Preço Quantum

## 2.2. Exportações por região de destino

O aumento das exportações brasileiras em 2007 em relação a 2006 não ocorreu de maneira homogênea nos diferentes destinos. A Tabela 2 mostra os principais destinos de nossas exportações, e sua variação no período. O Gráfico 4 mostra a participação de cada região na pauta exportadora brasileira.

**Tabela 2 - Destino das exportações brasileiras (em US\$ milhões FOB)**

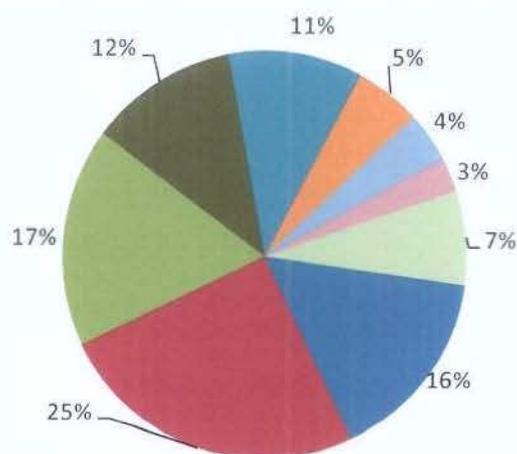
	2006	2007	Varição
<b>Total</b>	<b>137.807</b>	<b>160.649</b>	<b>16,6%</b>
Ásia (exclusive Oriente Médio)	20.807	25.073	20,5%
União Européia	30.994	40.371	30,3%
Estados Unidos + Canadá	27.020	27.639	2,3%
ALADI (exclusive MERCOSUL)	17.499	19.061	8,9%
MERCOSUL	13.982	17.351	24,1%
África	7.451	8.570	15,0%
Oriente Médio	5.747	6.397	11,3%
Europa Oriental	3.890	4.305	10,7%
Demais	10.418	11.881	14,0%

Fonte: SECEX-MIDIC. Elaboração própria

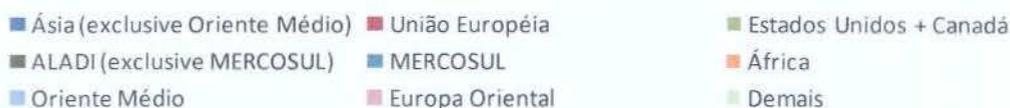
Em princípio, pode-se destacar a pluralidade dos destinos das exportações brasileiras. O mercado com maior participação foi a União Européia que detinha 25% das exportações e também foi o mercado que mais cresceu, (pouco mais de 30% no período analisado). A seguir, os Estados Unidos e o Canadá foram o segundo mercado para qual o Brasil mais vendeu, representando 17% da pauta exportadora brasileira. Esse mercado apresentou um crescimento reduzido nos últimos anos e por isso deixou de ser o principal destino das exportações brasileiras em 2007.

A Ásia apresentou no período um crescimento acima da média, de 20,5%, passando a representar 16% das exportações brasileiras e se tornando o terceiro mercado mais importante para as vendas externas brasileiras. Esse crescimento será analisado em seção adiante.

**Gráfico 4 - Destino das exportações brasileiras em 2007**



Fonte: SECEX-MDIC



O Mercosul, que representava 11% das vendas brasileiras, teve um crescimento expressivo no período analisado, com quase 25%, percentual inferior somente ao registrado pela União Européia. Os demais destinos das exportações brasileiras cresceram menos que a média no período, representando, mesmo assim, 1/3 das vendas externas brasileiras no período.

### **2.3. Exportações por região de destino e classe de produto**

Nessa seção examinaremos detalhadamente as exportações brasileiras de acordo com os principais destinos e segundo as classes de produto. Um panorama geral dessas exportações pode ser visto na Tabela 3.

#### **2.3.1. EUA e Canadá**

As exportações para os Estados Unidos e para o Canadá, que representavam em 2006 19,6% do total das exportações brasileiras, tiveram um aumento de somente 2,3% no período estudado e continuaram perdendo participação em 2007, passando a representar 17,2% da pauta,.

As exportações de matérias-primas e produtos intermediários, embora ainda representem mais da metade das exportações brasileiras para aquele bloco decresceram 10% entre 2006 e 2007, perdendo participação na pauta, assim como as exportações de bens de consumo, por causa de suas baixas taxas de crescimento em relação ao ano anterior (representando 14,6% das exportações para o bloco).

Por outro lado, as exportações de combustíveis e lubrificantes tiveram um aumento considerável no período analisado (58,6%) e passaram a representar quase 15% das exportações brasileiras para os dois países, sendo a única categoria de produtos exportados para o bloco que ganhou participação entre as vendas externas da categoria (passando de 21,7% em 2006 para 27,4% das exportações totais de combustíveis e lubrificantes). Os bens de capital, embora com um crescimento mais modesto (18,4%), aumentaram sua participação nas exportações do Brasil para aquela região, passando a representar pouco mais de 20% da pauta brasileira e 13,1% das exportações totais de bens de capital em 2007.

Em relação a 2006, o índice de quantum das exportações declinou 7%, enquanto o índice de preço expandiu 9%, levando a um crescimento das exportações para a região de pouco mais de 1% entre 2006 e 2007.

Pode-se notar, dessa forma, que a tendência observada no período anterior intensificou-se em 2007, ou seja, o crescimento das exportações para o bloco deveu-se exclusivamente ao aumento dos preços dos produtos exportados e apesar da queda da quantidade exportada dos mesmos.

Gráfico 5 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para o NAFTA

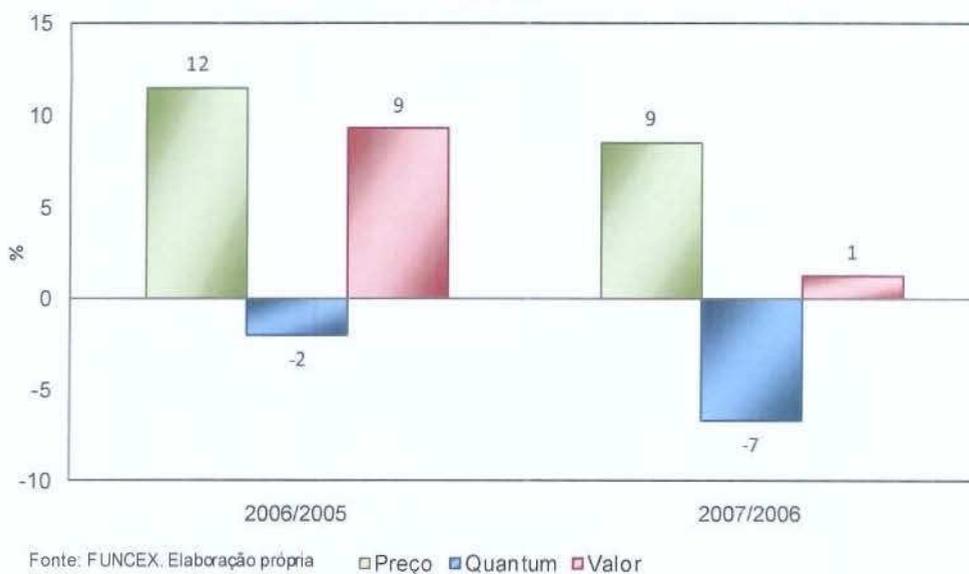


Gráfico 6 - Contribuição das variações de preço e quantum das exportações para o NAFTA

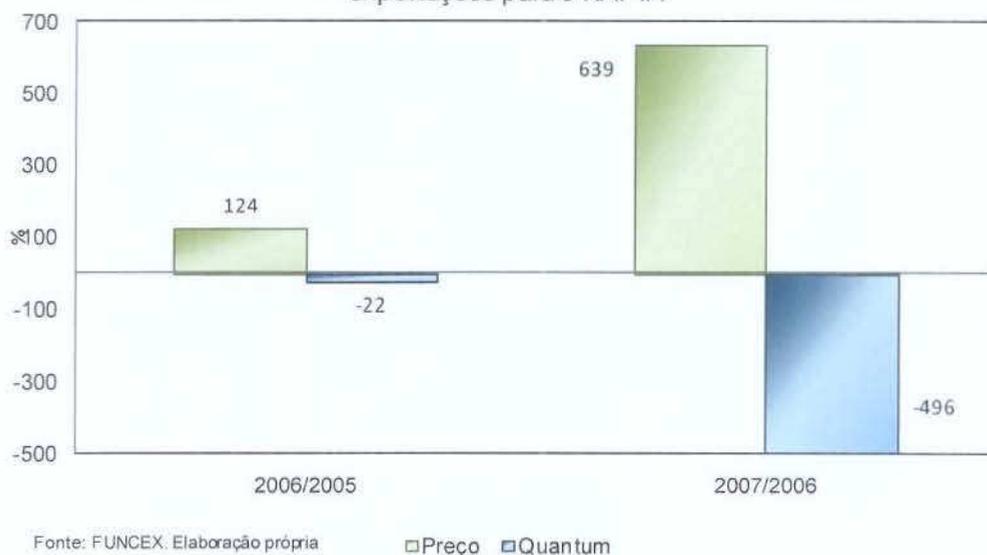


Tabela 3 - Composição da pauta de exportações por categorias de uso (em US\$ milhões FOB)

	Ano	Total	Bens de Capital	Participação	Bens de Consumo	Participação	Combustíveis e Lubrificantes	Participação	Matérias-Primas e Produtos Intermediários	Participação
<b>Total</b>	2006	137.807	19.451	14,1%	28.118	20,4%	10.479	7,6%	77.145	56,0%
	2007	160.649	23.195	14,4%	32.963	20,5%	13.171	8,2%	88.324	55,0%
	Variação	16,6%	19,2%	0,3%	17,2%	0,1%	25,7%	0,6%	14,5%	-1,0%
<b>EUA+Canadá</b>	2006	27.020	4.716	17,5%	4.017	14,9%	2.278	8,4%	16.009	59,3%
	2007	27.639	5.583	20,2%	4.029	14,6%	3.614	13,1%	14.413	52,1%
	Variação	2,3%	18,4%	2,7%	0,3%	-0,3%	58,6%	4,6%	-10,0%	-7,1%
	Participação 2006	19,6%	24,2%		14,3%		21,7%		20,8%	
	Participação 2007	17,2%	24,1%		12,2%		27,4%		16,3%	
<b>UE</b>	2006	30.994	2.413	7,8%	6.920	22,3%	1.346	4,3%	20.314	65,5%
	2007	40.371	3.464	8,6%	8.669	21,5%	2.146	5,3%	26.092	64,6%
	Variação	30,3%	43,6%	0,8%	25,3%	-0,9%	59,4%	1,0%	28,4%	-0,9%
	Participação 2006	22,5%	12,4%		24,6%		12,8%		26,3%	
	Participação 2007	25,1%	14,9%		26,3%		16,3%		29,5%	
<b>MERCOSUL</b>	2006	13.982	3.321	23,7%	3.126	22,4%	675	4,8%	6.860	49,1%
	2007	17.351	3.937	22,7%	3.888	22,4%	970	5,6%	8.556	49,3%
	Variação	24,1%	18,6%	-1,1%	24,4%	0,0%	43,6%	0,8%	24,7%	0,3%
	Participação 2006	10,1%	17,1%		11,1%		6,4%		8,9%	
	Participação 2007	10,8%	17,0%		11,8%		7,4%		9,7%	
<b>Ásia</b>	2006	20.807	951	4,6%	2.232	10,7%	1.742	8,4%	15.881	76,3%
	2007	25.073	1.225	4,9%	2.895	11,5%	1.382	5,5%	19.570	78,1%
	Variação	20,5%	28,8%	0,3%	29,7%	0,8%	-20,6%	-2,9%	23,2%	1,7%
	Participação 2006	15,1%	4,9%		7,9%		16,6%		20,6%	
	Participação 2007	15,6%	5,3%		8,8%		10,5%		22,2%	

Fonte: SECEX-MIDIC. Elaboração própria

### 2.3.2. União Européia

As exportações para a União Européia (UE), que respondiam por 25,1% das exportações brasileiras, cresceram 30,3% entre 2005 e 2006. Assim como nas exportações para o NAFTA, as exportações de combustíveis e lubrificantes foram as que mais cresceram no período (59,4%) e passaram a representar 5,3% das exportações para o bloco. Em seguida, destacavam-se as exportações de bens de capital, que tiveram um crescimento de 43,6% entre 2006 e 2007 e passaram a representar pouco mais de 18% das exportações do Brasil para a União Européia.

Bens de consumo e produtos intermediários, que representavam em 2006, respectivamente, 22,3% e 65,5% da pauta exportada para o bloco, devido ao baixo crescimento em relação aos outros produtos, perderam participação na pauta e passaram a representar em 2007, respectivamente, 21,5% e 64,6% da mesma. Ainda assim, esses produtos mantiveram-se como os principais bens exportados para o bloco.

Entre 2005 e 2006, as exportações brasileiras para a União Européia cresceram 15%, na medida em que os preços desses bens foram 9% superiores ao período anterior e o quantum exportado foi 6% maior. Entre 2006 e 2007, essas exportações cresceram 32%, os preços, 15% e o quantum exportado, 14%.

Dessa forma, enquanto no período anterior, 57% do crescimento das exportações era determinado pelo aumento dos preços e 39% pela variação do quantum, entre 2006 e 2007, as contribuições das variações dos preços e do quantum para o aumento das exportações foram de 48% e 45%, respectivamente, evidenciando comportamento distinto das variáveis em relação ao NAFTA.

Gráfico 7- Variação dos índices de preço, quantum e valor para a UE

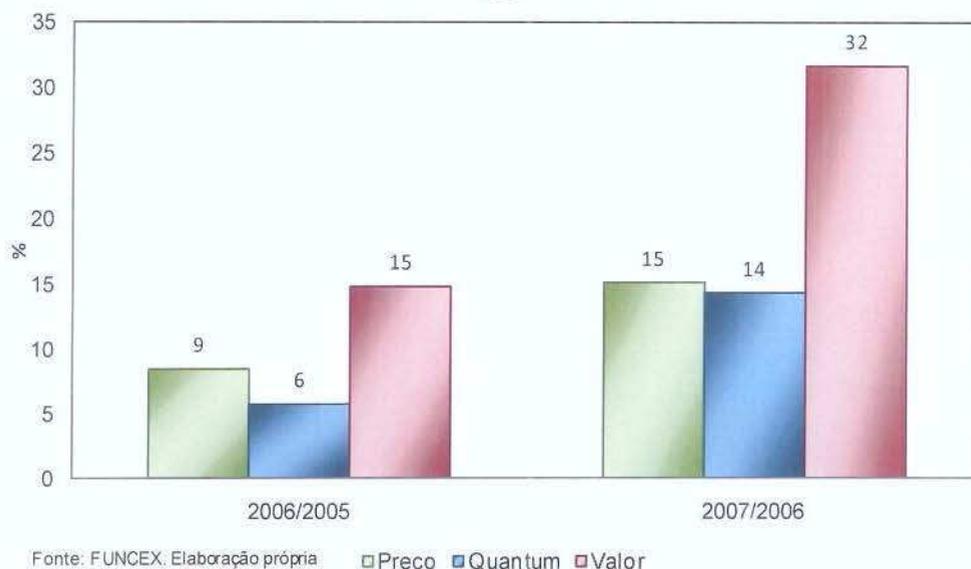
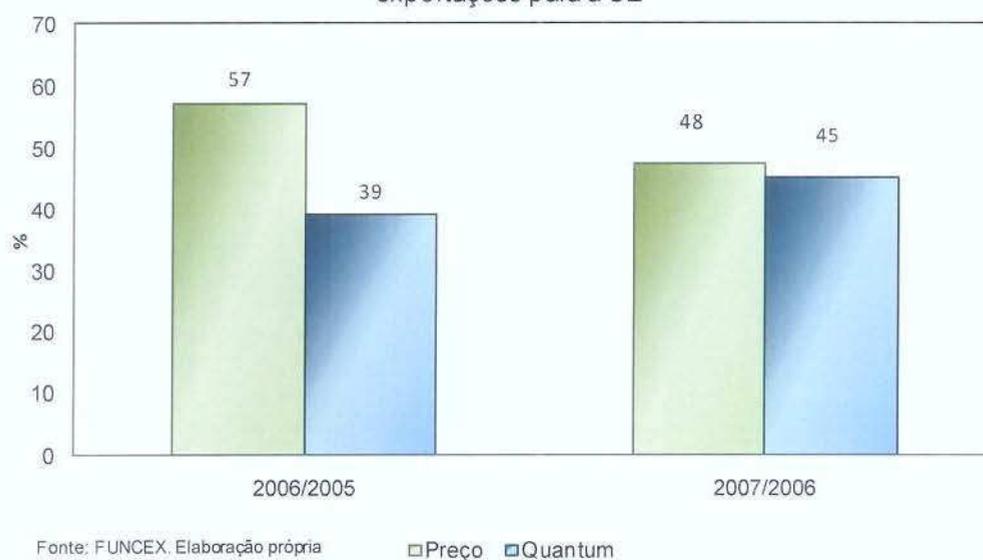


Gráfico 8 - Contribuição das variações de preço e quantum das exportações para a UE



### 2.3.3. Mercosul

As exportações para o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), que respondem por 10% das exportações brasileiras, cresceram 24,1% em 2007, com um destaque para as exportações de combustíveis e lubrificantes que foram 43,6% maiores do que no período anterior, embora ainda representem pouco mais de 5% das exportações para a região.

Matérias-primas e produtos intermediários continuam sendo responsáveis por quase 50% da pauta exportadora brasileira para esse bloco (ver Tabela 3) e suas exportações cresceram quase 25% no período. O mesmo crescimento pôde ser observado para os bens de consumo embora sua participação na pauta (22,4%) seja bem menor. Por fim, os bens de capital, com um crescimento de 18,1% entre 2006 e 2007, perderam participação na pauta exportadora brasileira para o bloco, passando a representar 22,7% da mesma.

No que se refere ao comportamento do preço e do quantum exportado, o MERCOSUL teve evolução distinta dos outros blocos. Enquanto entre 2005 e 2006, a variação dos preços foi a principal responsável pelo aumento das exportações para esse bloco, entre 2006 e 2007 o fator preponderante para esse aumento foi o crescimento do quantum exportado, que cresceu 13% no período, passando a contribuir com 56% para o crescimento das exportações. Já os preços cresceram 9% no período e passaram a contribuir com pouco menos de 40% para o crescimento das exportações totais. Assim, essas últimas tiveram um aumento de 23% no período analisado.

Tal aumento do quantum exportado pode ser atribuído ao crescimento econômico que os países do bloco vivenciaram nos últimos anos em decorrência do aumento dos preços das commodities, das quais são grandes exportadores, levando-os a importar mais, sobretudo, do Brasil.

Gráfico 9 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para o MERCOSUL

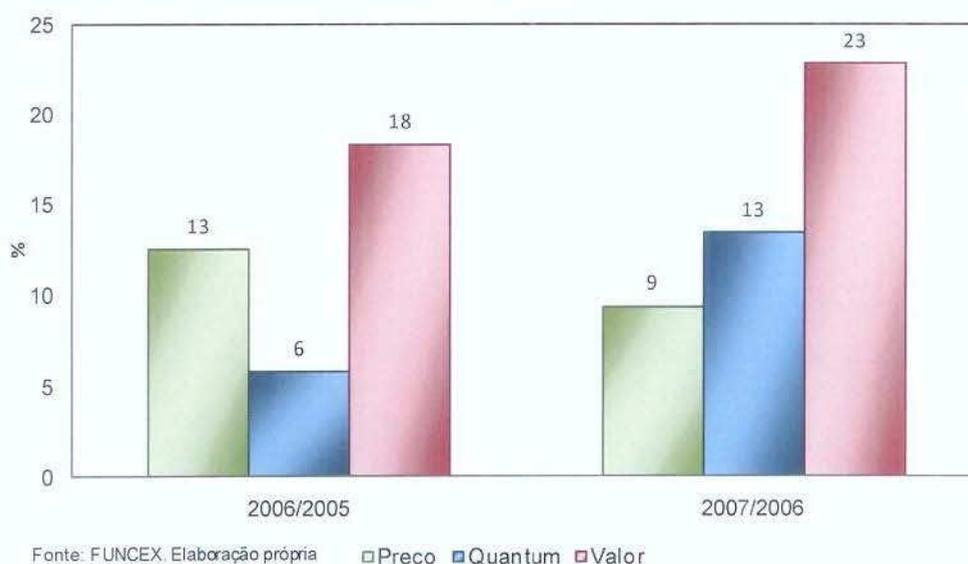
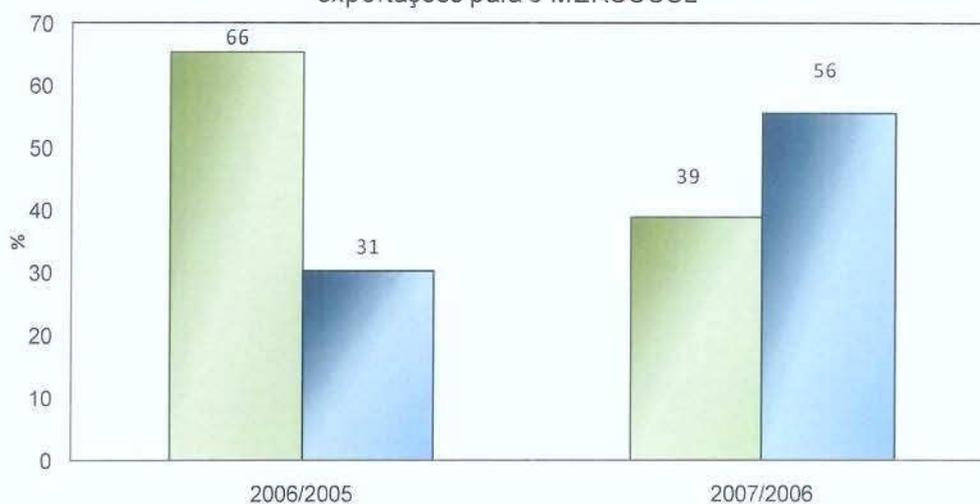


Gráfico 10 - Contribuição das variações de preço e quantum das exportações para o MERCOSUL



Fonte: FUNCEX. Elaboração própria

□ Preço □ Quantum

#### 2.3.4. Ásia

As exportações brasileiras para a Ásia, que representavam 15,1% do total em 2006 e passaram para 15,6% em 2007, apresentaram alta de 20,5% entre 2006 e 2007. A maior parte dessas exportações, 78,1% em 2007, era de matérias-primas e produtos intermediários, que tiveram um crescimento expressivo e ampliaram sua participação nas exportações para aquela região em detrimento de combustíveis e lubrificantes (única região em que as exportações desses produtos diminuíram no período analisado).

As exportações de bens de consumo e bens de capital tiveram o maior crescimento no período (29,7% e 28,8%, respectivamente), o que resultou na elevação das suas participações na pauta da região, também em detrimento das exportações de combustíveis e lubrificantes.

Dentro da Ásia, merecem destaque a China, a região do Pacífico (Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Taiwan, Hong Kong, Indonésia e Malásia) e o Japão, que serão tratados separadamente, a fim de observar as diferenças nas pautas de cada país ou região e as diferentes trajetórias das variáveis preço e quantum.

### 2.3.4.1. Ásia-Pacífico

As exportações brasileiras para essa região corresponderam a 32,8% das exportações brasileiras para a Ásia em 2006 e 33,2% em 2007, e cresceram 21,7% no período. Assim como para a Ásia em geral, as vendas externas do Brasil para essa região concentraram-se em matérias-primas e produtos intermediários, embora a tendência fosse de queda da participação desses bens e crescimento da participação de bens de capital e bens de consumo.

Pode-se observar, com base nos Gráficos 11 e 12 abaixo, que entre 2005 e 2006, o índice de preço das exportações cresceu 8% frente a um decréscimo de 3% do índice de quantum, levando a um aumento de somente 5% das exportações. No entanto, no período posterior, entre 2006 e 2007, os preços passaram a crescer num ritmo mais acelerado (14%) e o quantum exportado foi 7% maior, possibilitando, assim, um crescimento de 21% das exportações no período.

Dessa maneira, enquanto entre 2005 e 2006, o aumento das exportações para a região decorreu do crescimento dos preços dos produtos exportados num contexto de queda do quantum exportado, entre 2006 e 2007, tanto preço quanto quantum passam a contribuir positivamente para o crescimento das vendas externas para aquela região.

Gráfico 11 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para a Ásia-Pacífico

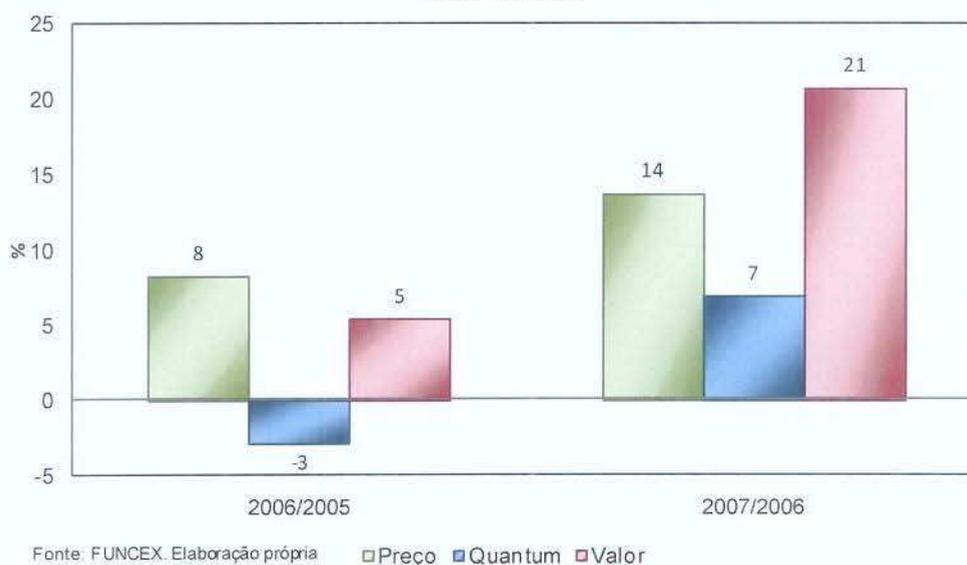
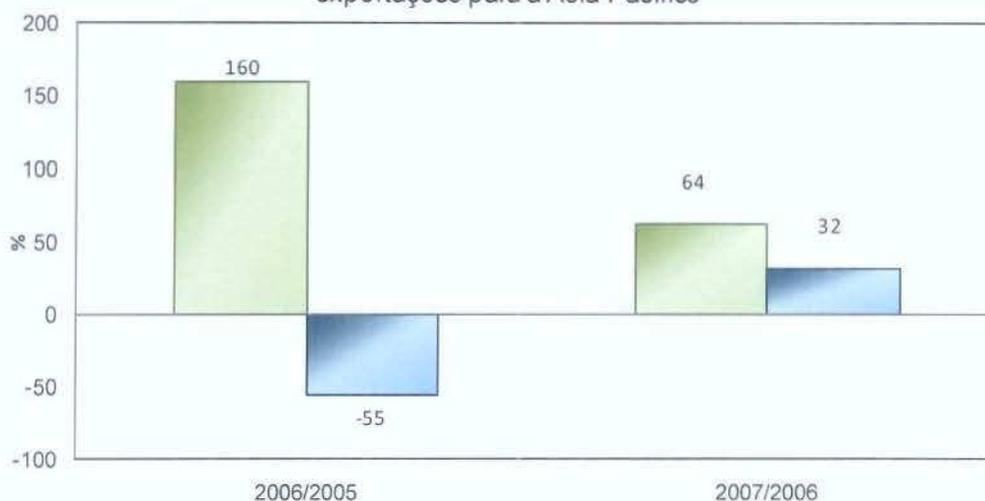


Tabela 4 - Ásia - Composição da pauta de exportações por categorias de uso (em US\$ milhões FOB)

	Ano	Total	Bens de Capital	Participação	Bens de Consumo	Participação	Combustíveis e Lubrificantes	Participação	Matérias-Primas e Produtos Intermediários	Participação
Total Ásia	2006	20.807	951	4,6%	2.232	10,7%	1.742	8,4%	15.881	76,3%
	2007	25.073	1.225	4,9%	2.895	11,5%	1.382	5,5%	19.570	78,1%
	Variação	20,5%	28,8%	0,3%	29,7%	0,8%	-20,6%	-2,9%	23,2%	1,7%
Japão	2006	3.895	44	1,1%	721	18,5%	95	2,4%	3.034	77,9%
	2007	4.321	44	1,0%	877	20,3%	153	3,5%	3.247	75,1%
	Variação	11,0%	-0,5%	-0,1%	21,6%	1,8%	60,3%	1,1%	7,0%	-2,8%
	Participação 2006	18,7%	4,7%		32,3%		5,5%		19,1%	
	Participação 2007	17,2%	3,6%		30,3%		11,0%		16,6%	
China	2006	8.402	112	1,3%	84	1,0%	836	9,9%	7.370	87,7%
	2007	10.749	127	1,2%	109	1,0%	840	7,8%	9.673	90,0%
	Variação	27,9%	13,5%	-0,2%	28,7%	0,0%	0,5%	-2,1%	31,2%	2,3%
	Participação 2006	40,4%	11,8%		3,8%		48,0%		46,4%	
	Participação 2007	42,9%	10,4%		3,8%		60,8%		49,4%	
Pacífico	2006	6.833	369	5,4%	934	13,7%	740	10,8%	4.790	70,1%
	2007	8.313	739	8,9%	1.342	16,1%	571	6,9%	5.661	68,1%
	Variação	21,7%	100,2%	3,5%	43,7%	2,5%	-22,9%	-4,0%	18,2%	-2,0%
	Participação 2006	32,8%	38,8%		41,8%		42,5%		30,2%	
	Participação 2007	33,2%	60,3%		46,4%		41,3%		28,9%	
Demais	2006	1.677								
	2007	1.691								

Fonte: FUNCEX. Elaboração própria

Gráfico 12 - Contribuição das variações de preço e quantum das exportações para a Ásia-Pacífico



Fonte: FUNCEX. Elaboração própria

Preço Quantum

#### 2.3.4.2. China

A China em 2006 foi destino de mais de 40,4% das exportações brasileiras para Ásia e 42,9% em 2007. Essas exportações cresceram mais de 27,9% no período, com destaque para as matérias-primas e produtos intermediários que aumentaram 31,2% e passaram a responder por 90% da pauta de exportações para a China e quase 50% das exportações desses produtos para a Ásia. Isso mostra uma tendência à concentração das exportações brasileiras para esse país em matérias-primas e produtos intermediários.

As exportações para a China entre 2005 e 2006 cresceram principalmente por causa do aumento do quantum exportado (14%), que contribuiu com 61% para essa evolução. Os preços cresceram 8% no período, contribuindo com 34% para a alta das exportações. Essas foram 23% maiores em 2006 do que em 2005.

No período seguinte, todavia, a alta dos preços dos produtos exportados (16%) foi o fator preponderante para o aumento de 28% das exportações, contribuindo com 58% para esse crescimento. Já o crescimento do quantum exportado que foi de 10% no período, contribuiu com 38% para o aumento das exportações.

Gráfico 13 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para a China

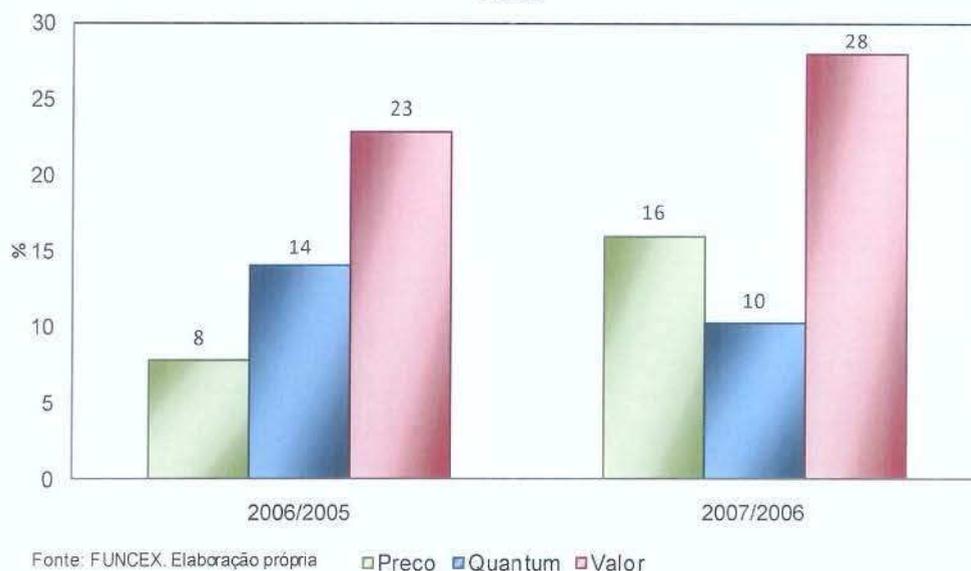
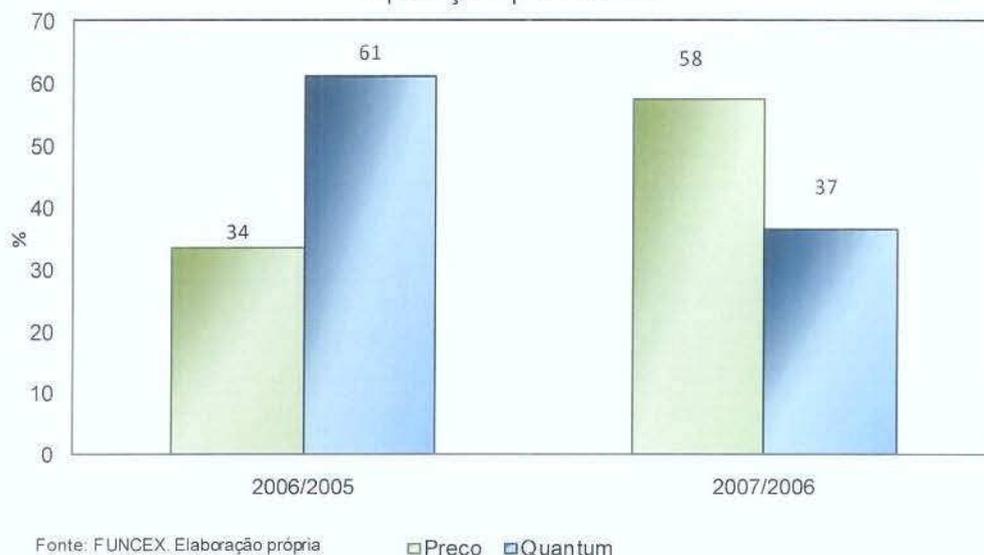


Gráfico 14 - Contribuição das variações de preço e quantum das exportações para a China



### 2.3.4.3. Japão

As exportações brasileiras com destino ao Japão, que representavam 18,7% do total das vendas externas para a Ásia em 2006, cresceram somente 11% em 2007, percentual inferior à média, levando à redução da participação do país neste total (18,7% em 2006 e 17,2% em 2007). Diferentemente do restante da Ásia, embora ainda representem pouco da pauta exportada para o Japão, foram as exportações de combustíveis e lubrificantes as que mais cresceram em 2007, sendo 60,3% superiores às do ano anterior. No entanto, as exportações de matérias-primas e produtos

intermediários ainda representam mais de 2/3 da pauta de exportação brasileira para aquele país.

As vendas para o Japão mantiveram a mesma tendência nos dois períodos analisados, com o crescimento das mesmas se dando por causa do aumento dos preços dos produtos exportados (135% em 2006 e 12% em 2007) e apesar da diminuição do quantum exportado (1% nos dois períodos), levando a um crescimento de 12% das exportações em 2006 e 11% em 2007.

Gráfico 15 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para o Japão

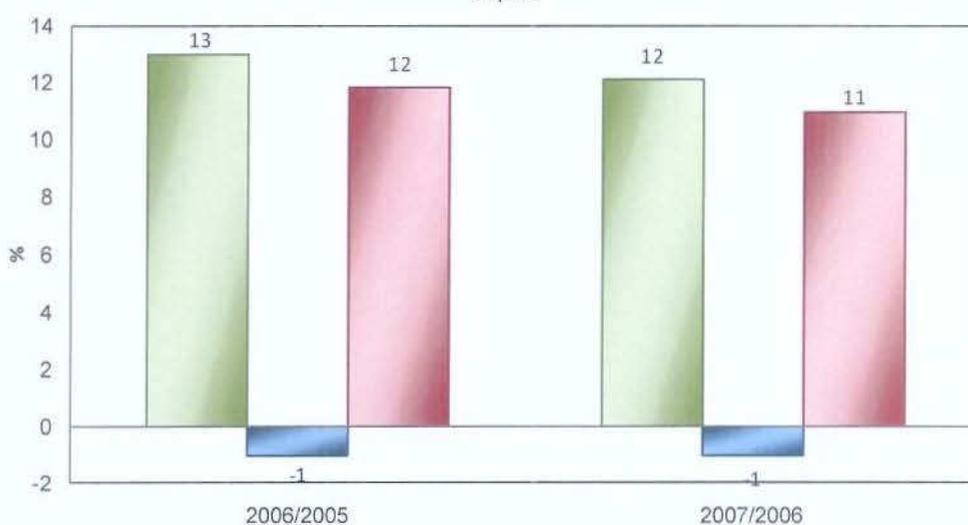
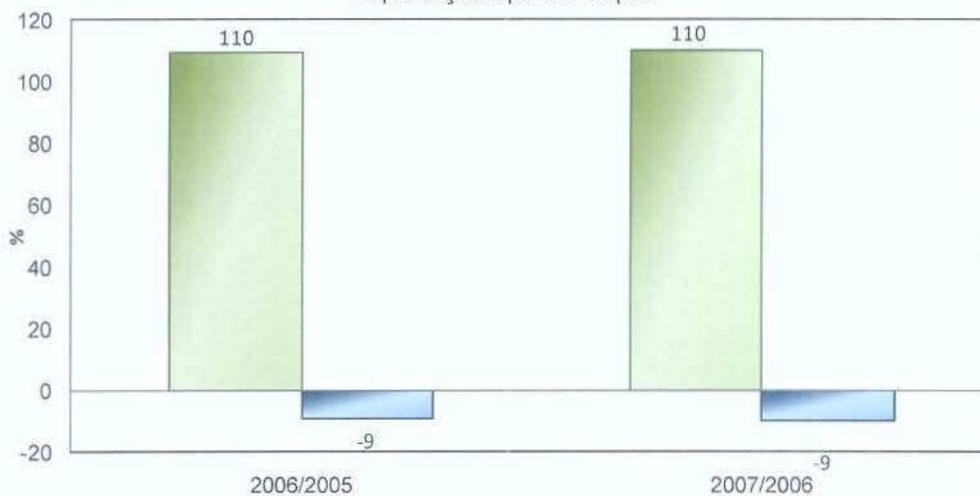


Gráfico 16 - Contribuição das variações de preço e quantum das exportações para o Japão



Fonte: FUNCEX. Elaboração própria

Preço Quantum

### 3. O Desempenho das Importações

#### 3.1. Importações Totais por Categorias de Uso

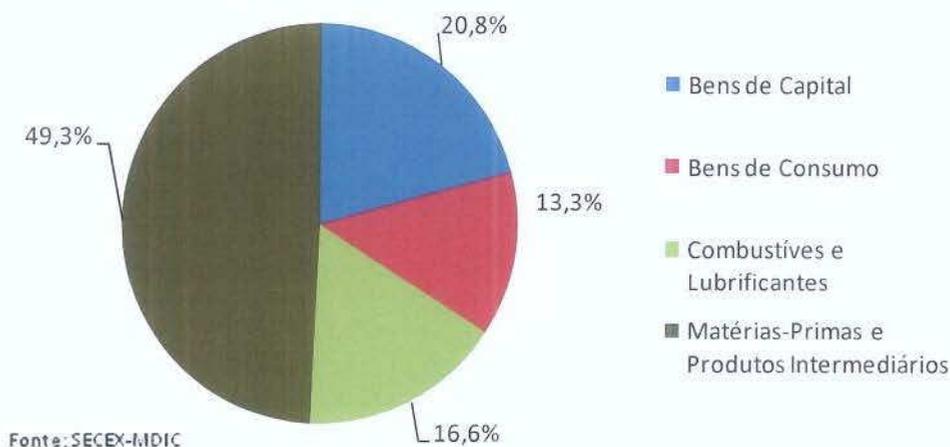
Como já salientado, as importações brasileiras tiveram um grande aumento em 2007 em relação a 2006, superior a 30%, que pode ser observado na Tabela 5 abaixo.

**Tabela 5 - Importações Brasileiras por categorias de uso (em US\$ milhões FOB)**

	2006	2007	Varição
<b>Total</b>	<b>91.351</b>	<b>120.621</b>	<b>32,0%</b>
Bens de Capital	18.924	25.120	32,7%
Bens de Consumo	11.955	16.024	34,0%
Combustíveis e Lubrificantes	15.197	20.068	32,1%
Matérias-Primas e Produtos Intermediários	45.274	59.409	31,2%

Fonte: SECEX-MIDIC. Elaboração própria

**Gráfico 17 - Importações Brasileiras por categorias de uso**



Pode-se notar que a maioria das importações brasileiras consiste de matérias-primas e produtos intermediários, categoria que representa quase metade da pauta, com 49,3% do total. A seguir, destacam-se os bens de capital, os combustíveis e lubrificantes e os bens de consumo, com participação de 20,8%, 16,6% e 13,3% na pauta em 2007, respectivamente.

Os bens de capital com um crescimento das importações de 32,7% entre 2006 e 2007, superior à média, aumentaram sua participação na pauta de importações, passando a responder por 20,8% da mesma. O mesmo ocorreu com os bens de

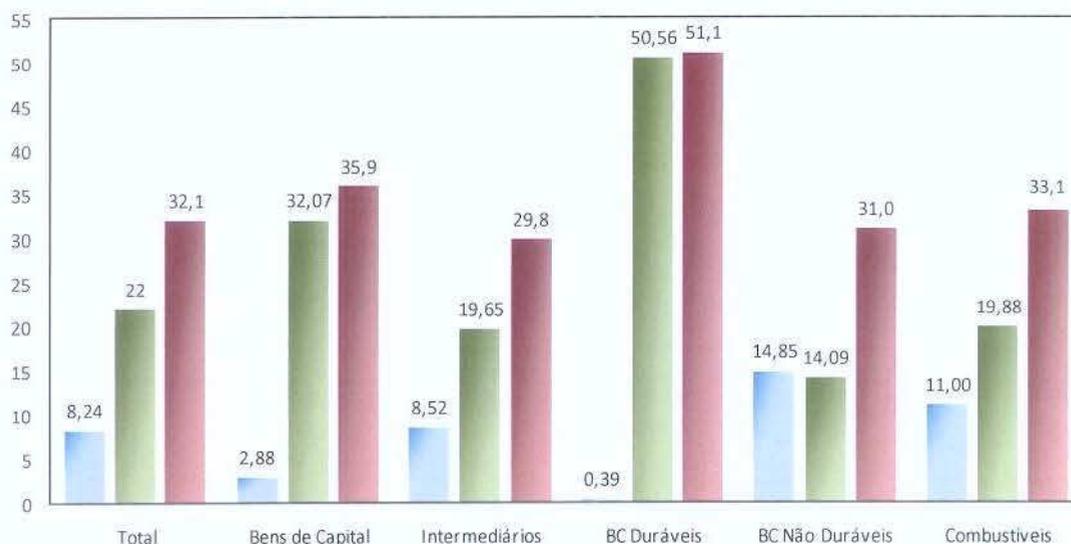
consumo, que com um crescimento de 34,0% das compras externas, aumentaram sua participação de 13,1% para 13,3% da pauta.

As matérias-primas e produtos intermediários, no entanto, apesar do grande crescimento de suas importações, com uma variação de 31,2% em relação a 2006, perderam participação na pauta, passando a representar 49,3% das importações totais brasileiras.

Combustíveis e lubrificantes foram a única categoria de produtos importados que, apesar do crescimento das compras em mais de 30% em relação ao ano anterior, manteve sua participação na pauta brasileira, respondendo por 16,6% das compras externas.

Tal crescimento das compras externas pode ser explicado pela já citada apreciação da moeda doméstica e pelo maior dinamismo da atividade econômica, com um crescimento do PIB de 3,16% em 2005, 3,75% em 2006 e 5,42% em 2007 (dados do sítio do Banco Central do Brasil), levando ao aumento das importações de bens de capital e de bens de consumo. Convém examinar de que forma as variações nos preços e quantum dos produtos importados colaboraram com esse aumento das compras externas.

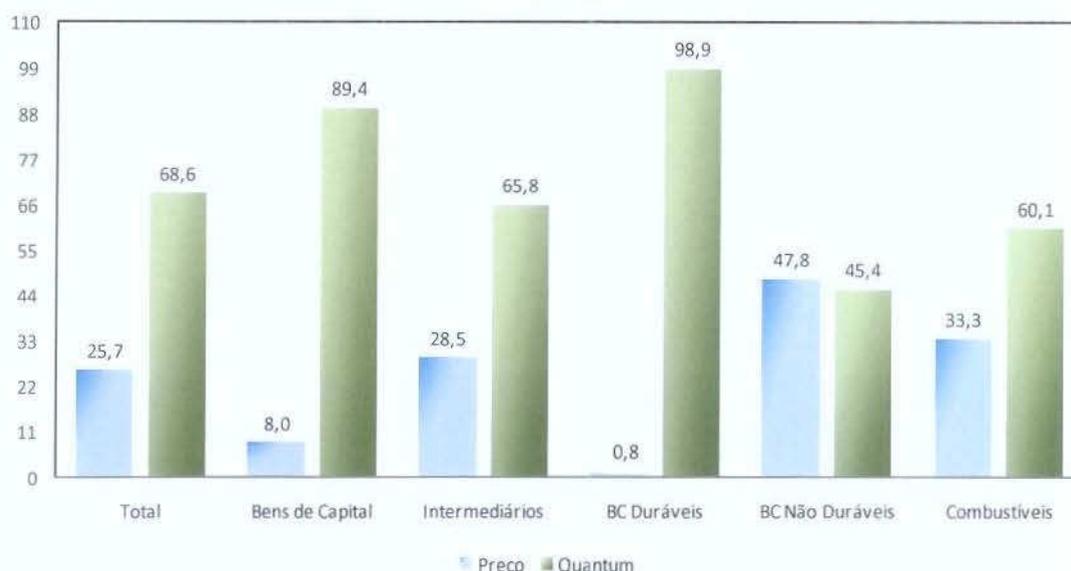
Gráfico 18- Variação dos índices de preço, quantum e valor das importações



Fonte: Funcex. Elaboração Própria

Preço Quantum Valor

Gráfico 19 - Contribuição das variações de preço e quantum para o crescimento das importações



Pode-se observar que as importações totais cresceram 32,1% no período, dado um aumento de 22% do quantum importado e de 8% dos preços. Assim, pode-se atribuir à elevação do quantum importado maior participação no aumento das importações totais (68,6%), enquanto o aumento dos preços contribuiu com pouco mais de 25% para o mesmo. Como destaca o estudo do IEDI (2007), essa expansão é diferente daquela ocorrida entre 2004 e 2005, quando o crescimento dos preços se mostrava o principal responsável pelo aumento das importações.

Esse crescimento pode ser observado de forma mais ou menos acentuada nas diversas categorias de uso. Em todas elas, salvo em bens de consumo duráveis, o quantum importado cresce mais do que os preços, sendo, dessa maneira, o principal responsável pelo aumento das importações.

### 3.2 . Importações por Região de Origem

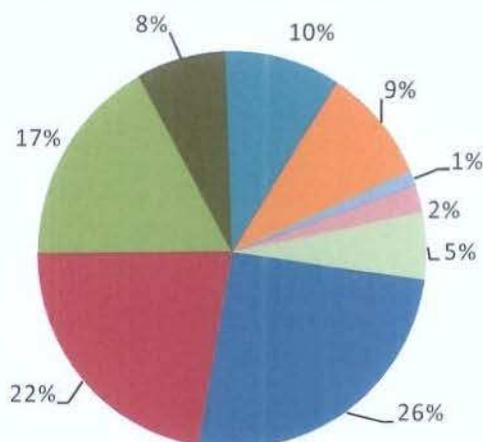
Este grande aumento das importações brasileiras em 2007, no entanto, não ocorreu de forma homogênea em relação à origem dos produtos, como pode ser notado na Tabela 6 abaixo.

**Tabela 6 - Origem das importações brasileiras (em US\$ milhões FOB)**

	2006	2007	Variação
<b>Total</b>	<b>91.351</b>	<b>120.621</b>	<b>32,0%</b>
Ásia (exclusive Oriente Médio)	22.888	30.715	34,2%
União Européia	20.203	26.736	32,3%
Estados Unidos + Canadá	16.011	20.596	28,6%
ALADI (exclusive MERCOSUL)	7.314	8.951	22,4%
MERCOSUL	8.967	11.630	29,7%
África	8.111	11.333	39,7%
Oriente Médio	790	1.427	80,6%
Europa Oriental	1.434	2.766	92,9%
Demais	5.632	6.467	14,8%

Fonte: SECEX-MIDIC. Elaboração própria

**Gráfico 20 - Origem das importações brasileiras em 2007**



Fonte: SECEX-MDIC

- Ásia (exclusive Oriente Médio)
- União Européia
- Estados Unidos + Canadá
- ALADI (exclusive MERCOSUL)
- MERCOSUL
- África
- Oriente Médio
- Europa Oriental
- Demais

A região que concentra a maior parte das compras externas brasileiras, a Ásia, teve aumento de participação entre os parceiros comerciais brasileiros, passando de 24,74% das importações brasileiras em 2006 para 25,32% em 2007, devido ao crescimento de 35,13% no valor das importações, percentual superior à taxa de expansão do total importado (32,04%). Em seguida, vinham a União Européia, com 22,17% da pauta importadora em 2007, percentual ligeiramente superior ao registrado em 2006 (22,12%), graças ao crescimento de 32,34% em relação ao ano anterior. Já os Estados Unidos e o Canadá, apesar do crescimento significativo das exportações para o Brasil (24,43%) perderam participação na pauta de importações brasileira, caindo de 17,84% em 2006 para 17,22% em 2007.

Assim como os Estados Unidos, outras regiões perderam importância como origem dos produtos importados, como o Mercosul, a ALADI, e o Oriente Médio, tornando a pauta brasileira um pouco menos concentrada em relação a essas regiões, como pode ser observado pelo aumento das importações do Resto do Mundo de mais de 80%.

### **3.3. Importações por Região de Origem e Categorias de Uso**

Nessa seção examinar-se-á detalhadamente as importações brasileiras de acordo com sua região de proveniência e suas categorias de uso. A Tabela 3 fornece um panorama geral.

#### **3.3.1. Ásia**

Nos dois anos observados, 2006 e 2007, a Ásia se destacou como a principal região de origem das importações brasileiras. O crescimento das exportações dessa região para o Brasil no período foi de 34,2%, aumentando a participação da Ásia na pauta importadora brasileira de 25,1% em 2006 para 25,5% em 2007. No entanto, esse crescimento não foi homogêneo nas diferentes categorias de uso.

Matérias-primas e produtos intermediários, que tiveram um crescimento de 32,2%, apesar da perda de participação dentro dos produtos provindos dessa região, mantiveram-se como a principal categoria de produtos importados da Ásia, respondendo por 45,8% das importações dessa região.

Em seguida, destacam-se as importações de bens de capital, que, com um crescimento de mais de 35% em relação ao ano anterior, ampliaram sua participação nas importações da Ásia de 31,3% para 31,8%. Cumpre destacar ainda que as importações de bens de capital provenientes da Ásia detinham a maior participação entre as diferentes origens (que se elevou de 37,84% para 38,84% das importações totais desses bens entre 2006 e 2007).

As importações de bens de consumo tiveram um crescimento de 36,2% em 2007 e aumentaram sua participação entre todos os bens oriundos dessa região, bem

como entre as importações totais de bens de consumo. Os combustíveis e lubrificantes, cuja importação aumentou 33,7% mantiveram sua participação modesta na pauta asiática e sua participação na pauta de importação total de combustíveis e lubrificantes permaneceu estável em 8,3%.

Cada vez mais, a Ásia vêm se apresentando como um importante parceiro comercial brasileiro. Assim, é conveniente examinar mais atentamente o perfil das importações brasileiras desse continente.

### **3.3.1.1. Ásia-Pacífico**

Em 2007, 35,8% das importações das importações brasileiras da Ásia vieram da região do Pacífico. Apesar de as compras dessa região terem aumentado 17,8% em relação ao ano anterior, ela perdeu participação na pauta importada da Ásia, embora ainda seja o segundo principal parceiro brasileiro no continente.

A grande maioria das importações brasileiras dessa região era de matérias-primas e produtos intermediários. Embora as compras desses bens tenham crescido entre 2006 e 2007 em 12,9%, elas perderam participação na pauta importadora brasileira e passaram a representar 75% da mesma. A seguir destacam-se os bens de capital que, com um crescimento de quase 30%, passaram a representar 15,5% da referida pauta.

O crescimento total das importações, de 17,8%, foi todavia inferior ao ocorrido em 2006. Naquela ocasião, as importações da região cresceram 39%. O quantum importado nesse período foi 40% superior ao ano anterior, embora os preços tenham decrescido em 1%. Já entre 2006 e 2007, o quantum foi 14% maior do que no período anterior, enquanto os preços cresceram 4%, levando assim aos já citados 17,8% de crescimento em 2007.

Tabela 7 - Composição da pauta de importações por categorias de uso (em US\$ milhões FOB)

	Ano	Total	Bens de Capital	Participação	Bens de Consumo	Participação	Combustíveis e Lubrificantes	Participação	Matérias-Primas e Produtos Intermediários	Participação
Total	2006	91.351	18.924	20,7%	11.955	13,1%	15.197	16,6%	45.274	49,6%
	2007	120.621	25.120	20,8%	16.024	13,3%	20.068	16,6%	59.409	49,3%
	Variação	32,0%	32,7%	0,1%	34,0%	0,2%	32,1%	0,0%	31,2%	-0,3%
EUA+Canadá	2006	16.011	4.116	25,7%	1.529	9,6%	1.159	7,2%	9.207	57,5%
	2007	20.596	5.020	24,4%	1.860	9,0%	1.661	8,1%	12.056	58,5%
	Variação	28,6%	22,0%	-1,3%	21,6%	-0,5%	43,3%	0,8%	30,9%	1,0%
	Participação 2006	17,5%	21,7%		12,8%		7,6%		20,3%	
	Participação 2007	17,1%	20,0%		11,6%		8,3%		20,3%	
UE	2006	20.203	5.826	28,8%	2.880	14,3%	393	1,9%	11.103	55,0%
	2007	26.736	8.097	30,3%	3.567	13,3%	767	2,9%	14.306	53,5%
	Variação	32,3%	39,0%	1,4%	23,8%	-0,9%	94,9%	0,9%	28,9%	-1,4%
	Participação 2006	22,1%	30,8%		24,1%		2,6%		24,5%	
	Participação 2007	22,2%	32,2%		22,3%		3,8%		24,1%	
MERCOSUL	2006	8.967	879	9,8%	2.178	24,3%	493	5,5%	5.418	60,4%
	2007	11.630	1.064	9,1%	3.184	27,4%	465	4,0%	6.917	59,5%
	Variação	29,7%	21,1%	-0,7%	46,2%	3,1%	-5,7%	-1,5%	27,7%	-0,9%
	Participação 2006	9,8%	4,6%		18,2%		3,2%		12,0%	
	Participação 2007	9,6%	4,2%		19,9%		2,3%		11,6%	
Ásia	2006	22.888	7.161	31,3%	3.834	16,8%	1.253	5,5%	10.640	46,5%
	2007	30.715	9.756	31,8%	5.223	17,0%	1.675	5,5%	14.062	45,8%
	Variação	34,2%	36,2%	0,5%	36,2%	0,3%	33,7%	0,0%	32,2%	-0,7%
	Participação 2006	25,1%	37,8%		32,1%		8,2%		23,5%	
	Participação 2007	25,5%	38,8%		32,6%		8,3%		23,7%	

Fonte: SECEX-MIDIC. Elaboração própria

Tabela 8 - Ásia - Composição da pauta de importações por categorias de uso (em US\$ milhões FOB)

	Ano	Total	Bens de Capital	Participação	Bens de Consumo	Participação	Combustíveis e Lubrificantes	Participação	Matérias-Primas e Produtos Intermediários	Participação
Total Ásia	2006	22.888	7.161	31,3%	3.834	16,8%	1.253	5,5%	10.640	46,5%
	2007	30.715	9.756	31,8%	5.223	17,0%	1.675	5,5%	14.062	45,8%
	Variação	34,2%	36,2%	0,5%	36,2%	0,3%	33,7%	0,0%	32,2%	-0,7%
Japão	2006	3.840	861	22,4%	222	5,8%	35	0,9%	2.722	70,9%
	2007	4.610	1.108	24,0%	319	6,9%	1	0,0%	3.181	69,0%
	Variação	20,1%	28,8%	1,6%	43,9%	1,1%	-97,1%	-0,9%	16,9%	-1,9%
	Participação 2006	16,8%	12,0%		5,8%		2,8%		25,6%	
	Participação 2007	15,0%	11,4%		6,1%		0,1%		22,6%	
China	2006	7.989	1.748	21,9%	1.324	16,6%	2	0,0%	4.915	61,5%
	2007	12.618	2.867	22,7%	2.009	15,9%	3	0,0%	7.739	61,3%
	Variação	57,9%	64,0%	0,8%	51,8%	-0,6%	70,4%	0,0%	57,4%	-0,2%
	Participação 2006	34,9%	24,4%		34,5%		0,2%		46,2%	
	Participação 2007	41,1%	29,4%		38,5%		0,2%		55,0%	
Pacífico	2006	9.338	1.316	14,1%	490	5,2%	221	2,4%	7.311	78,3%
	2007	11.000	1.701	15,5%	791	7,2%	252	2,3%	8.255	75,0%
	Variação	17,8%	29,2%	1,4%	61,6%	2,0%	14,0%	-0,1%	12,9%	-3,2%
	Participação 2006	40,8%	18,4%		12,8%		17,7%		68,7%	
	Participação 2007	35,8%	17,4%		15,2%		15,1%		58,7%	
Demais	2006	1.721								
	2007	2.488								

Fonte: FUNCEX. Elaboração própria

Dessa forma, entre 2005 e 2006, como o quantum importado crescia e os preços decresciam, o aumento do primeiro contribuía com 105% para o aumento das importações, enquanto o decréscimo do segundo, com -3%. Já entre 2006 e 2007, quando ambos (quantum e preço) foram superiores ao período precedente, o aumento do quantum contribuiu com 76% para o crescimento das importações, enquanto a variação dos preços contribuía com 21% para o referido aumento.

Gráfico 21 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para a Ásia-Pacífico

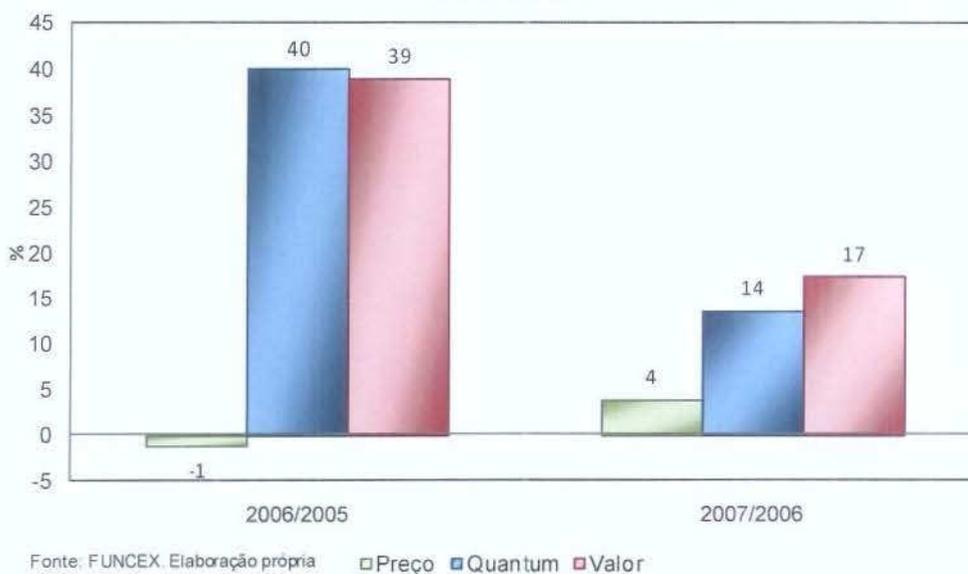
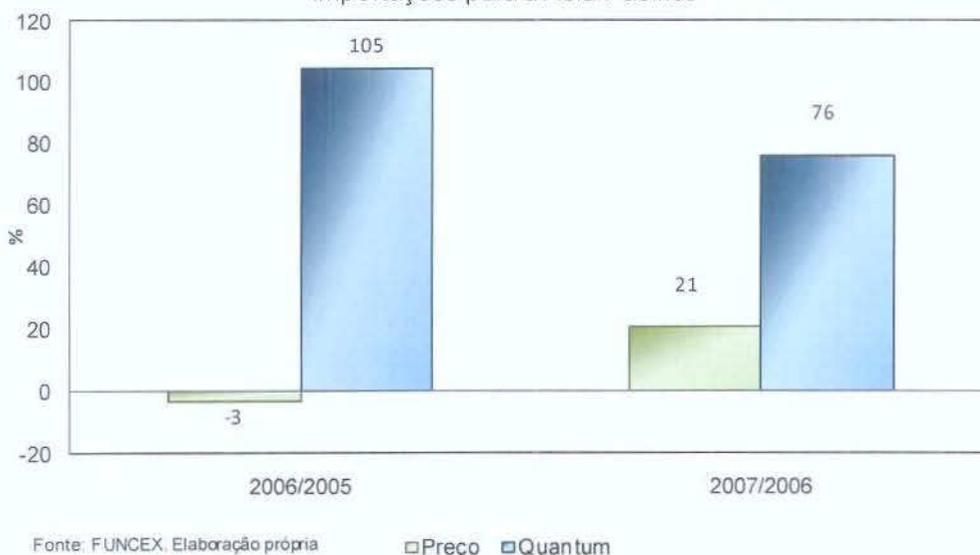


Gráfico 22 - Contribuição das variações de preço e quantum das importações para a Ásia-Pacífico



### 3.3.1.2. China

Em 2007, com um crescimento das vendas de 57,9% em relação ao ano anterior, a China passou a ser a principal origem das importações brasileiras da Ásia. Dessa forma, enquanto em 2006 as importações brasileiras desse país representavam 34,9% da pauta importada da Ásia, em 2007 essa participação se elevou a 41,1%.

Esse crescimento acentuado das importações chinesas pelo Brasil foi mais acentuado em bens de capital, que passaram a representar 22,7% da pauta importada daquele país, frente a 21,9% no ano anterior. Ainda assim, as importações de matérias-primas e bens intermediários continuaram predominando na pauta, representando 61,3% da mesma, ainda que tenham crescido abaixo da média das categorias e perdido participação.

Em 2006 as importações desse país já haviam crescido 49% em relação ao ano anterior. Esse crescimento ocorreu devido ao aumento do quantum importado e apesar do decréscimo dos preços. O quantum cresceu 50% no período, enquanto os preços tiveram uma redução de 1%, levando assim, ao já referido aumento de 49%. Assim, o aumento do quantum importado contribuiu com 102% para aumento das importações daquele país, enquanto o decréscimo dos preços contribuiu com -2%.

Em 2007, no entanto, como o quantum importado continuou crescendo (51% em relação ao ano anterior) e os preços foram superiores a 2006 (crescendo 5%), as importações brasileiras da China cresceram 58%. Dessa forma, o aumento do quantum importado explicou 88% desse crescimento, enquanto outros 8% podem ser explicados pela variação positiva dos preços.

Gráfico 23 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para a China

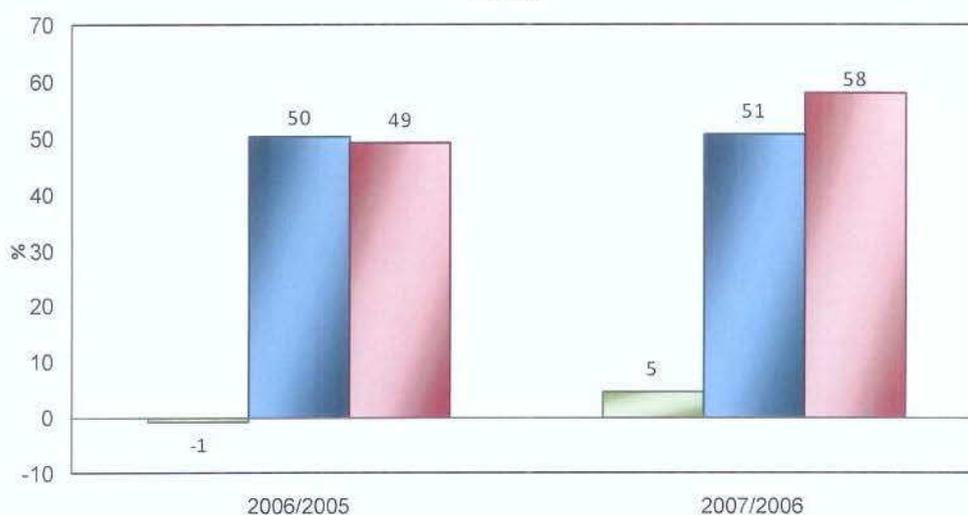
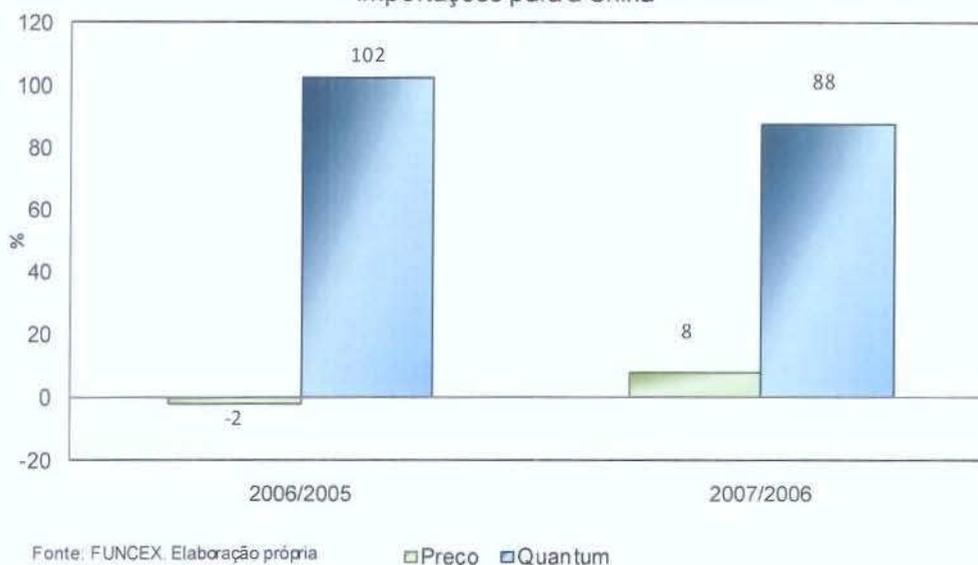


Gráfico 24 - Contribuição das variações de preço e quantum das importações para a China



### 3.3.1.3. Japão

As importações brasileiras do Japão têm perdido participação na pauta brasileira da Ásia, devido ao baixo ritmo de crescimento (comparado a outros países/blocos da região). Em 2007, as importações desse país foram 20,1% superiores ao ano anterior. Mesmo assim, a participação japonesa na pauta do Brasil na Ásia caiu de 16,8% para 15,0%.

Nas importações brasileiras do Japão, também há a predominância de matérias-primas e bens intermediários, que representavam 69,0% da pauta importada desse país, ainda que tenham perdido participação na mesma, devido ao baixo crescimento em relação às demais categorias. A seguir destacam-se bens de capital que respondem por 24% da pauta, tendo ganhado participação.

Assim como para China e para a região do Pacífico, entre 2006 e 2007, houve aumento do quantum importado, enquanto os preços recuaram. Entre 2006 e 2007, as importações brasileiras do Japão cresceram 13%, enquanto o quantum importado aumentou 14% e os preços caíram 1%. Dessa forma, a variação do quantum importado contribuiu com 107% para o aumento das importações e a dos preços, -6%.

Já em 2007, tanto preço quanto quantum importado foram superiores ao ano anterior, levando a um crescimento mais acentuado das importações daquele país. O quantum importado cresceu 18% em relação a 2006 e os preços tiveram ligeira alta de

2%, levando assim ao já citado crescimento de 20,1% das importações. Dessa maneira, em 2007, os preços contribuíram com 10% da variação das importações, enquanto o aumento do quantum importado contribuiu com 88%.

Gráfico 25 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para o Japão

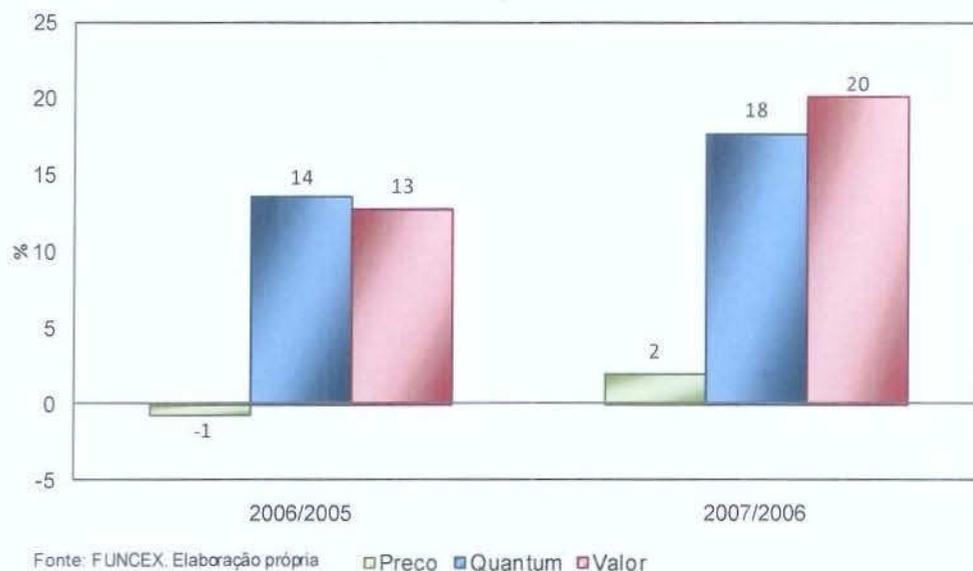
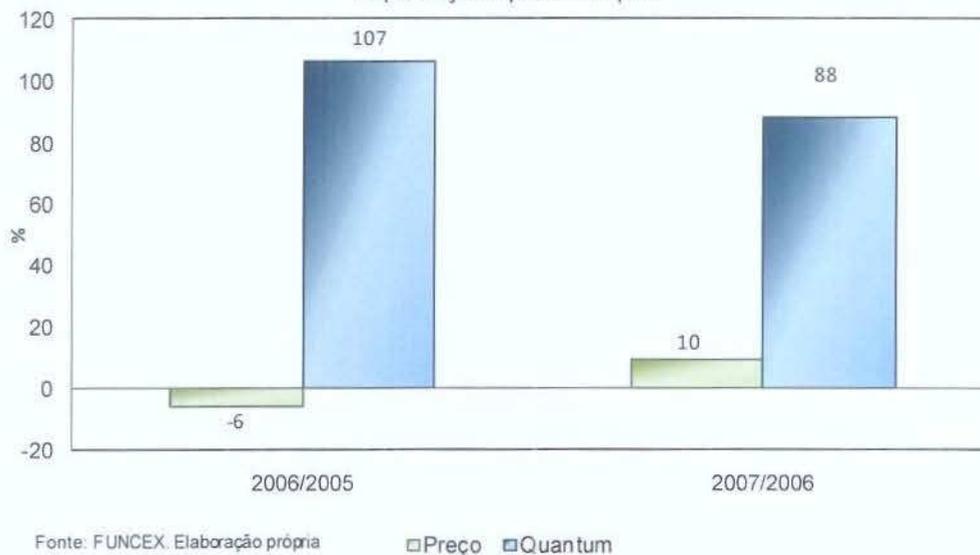


Gráfico 26 - Contribuição das variações de preço e quantum das importações para o Japão



### 3.3.2. União Européia

A União Européia, segunda região que mais exporta para o Brasil, teve um crescimento das suas vendas externas de 32,3%, mantendo sua participação na pauta importadora brasileira praticamente estável, correspondendo a 22,2% da mesma.

A maior parte das importações brasileiras do bloco europeu constituiu-se por matérias-primas e produtos intermediários, embora a participação desses bens tenha caído de 55,0% em 2006 para 53,5% em 2007, apesar das importações desses produtos terem crescido quase 30% no período. Dessa forma, as importações de matérias-primas e produtos intermediários da Europa perderam participação entre as compras totais desses produtos, passando a representar 24,1% no último ano.

A seguir destacam-se as importações de bens de capital representando 30,3% das compras oriundas do bloco europeu em 2007, fruto do crescimento de 39,0% em relação ao ano anterior. Deste modo as importações de tais produtos da União Européia passaram a representar 32,2% das compras totais desses bens. As importações de bens de consumo, por sua vez, tiveram um crescimento inferior aos outros bens provenientes do bloco, sendo 23,8% maiores do que no ano anterior. Com esse crescimento, houve perda de participação dos bens de consumo tanto na pauta de importações europeia quanto entre as importações totais desses produtos.

No que se refere às variações de preço e quantum das importações oriundas da União Européia, destaca-se novamente o crescimento do quantum importado e sua contribuição predominante para o crescimento das importações, como pode ser notado nos Gráficos 9 e 10 abaixo.

Gráfico 27- Variação dos índices de preço, quantum e valor para a UE

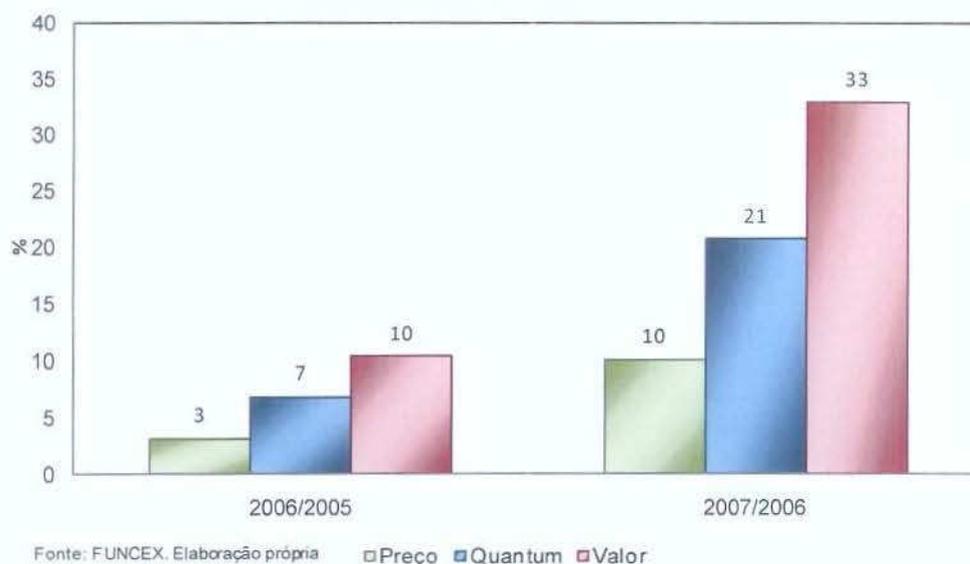
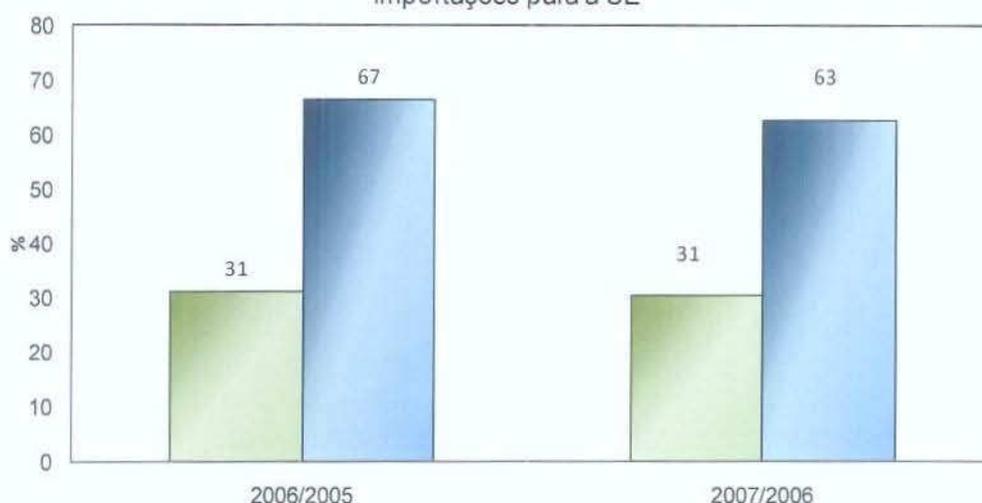


Gráfico 28 - Contribuição das variações de preço e quantum das importações para a UE



Fonte: FUNCEX. Elaboração própria

□ Preço □ Quantum

E

Entre 2005 e 2006, as compras oriundas do bloco europeu cresceram 10%, com um aumento de preços de 3% e de quantum de 7%. Dessa forma, o aumento dos preços no período contribuiu com 31% para o aumento das importações enquanto o aumento do quantum importado contribuiu com 61%.

No período seguinte, entre 2006 e 2007, os preços das importações brasileiras do bloco europeu cresceram 10%, enquanto o quantum importado foi 21% superior ao período anterior, levando a um aumento das compras de 33%. Assim, o crescimento dos preços contribuiu com 31% para o aumento das importações totais, enquanto o aumento do quantum importado contribuiu com 63%.

### 3.3.3. Estados Unidos e Canadá

As importações providas dos Estados Unidos e do Canadá perderam participação entre as compras brasileiras passando a representar pouco mais de 17% das mesmas, uma vez que sua taxa de crescimento de 28.6%, em relação ao ano anterior, embora elevada, foi inferior à taxa de expansão do total das importações (32,0%).

Assim como nas demais regiões, os principais produtos exportados para o Brasil, em 2007, foram matérias-primas e produtos intermediários, que perfaziam

58,5% das compras do Brasil com os dois países, com um aumento de pouco mais de 30% em relação ao ano anterior. Dessa maneira, a participação das importações desses produtos provenientes dos EUA e do Canadá no total das compras externas de matérias-primas e produtos intermediários permaneceu praticamente constante no período. As importações de bens de consumo e de bens de capital por sua vez, apesar de terem crescido em relação a 2006, perderam participação na pauta da região.

Se considerarmos os dados do NAFTA (North America Free Trade Agreement – Acordo de Livre Comércio da América do Norte), formado por Estados Unidos, Canadá e México – nota-se o mesmo comportamento observado nos outros blocos (ver Gráficos 29 e 30). Entre 2005 e 2006, as importações do NAFTA cresceram 18%, em razão de um aumento de 7% dos preços e 10% do quantum importado. Já entre 2006 e 2007, os preços cresceram num ritmo inferior ao período anterior (5%), enquanto o quantum cresceu quase 25%. Dessa maneira, as importações do bloco aumentaram 30% em relação a 2006.

Gráfico 29 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para o NAFTA

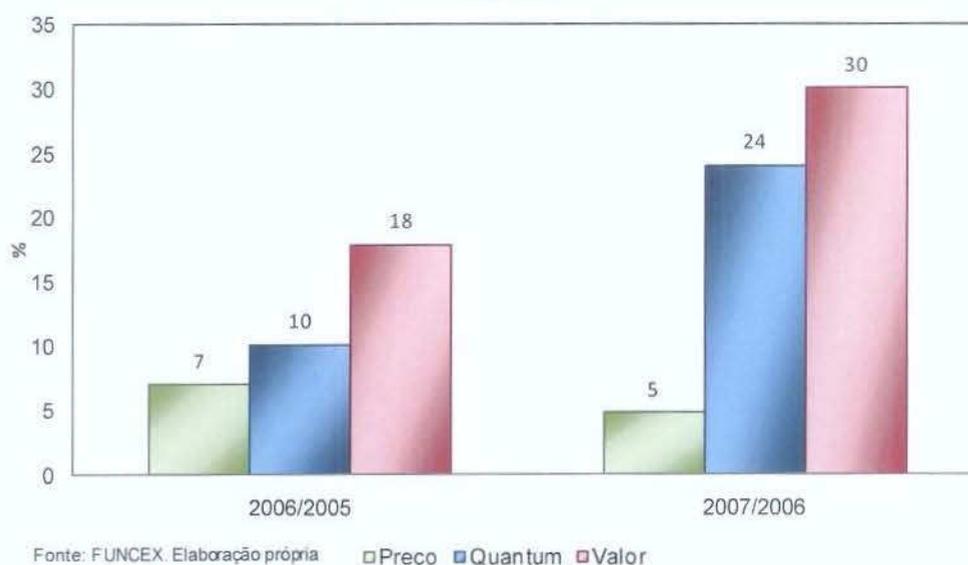
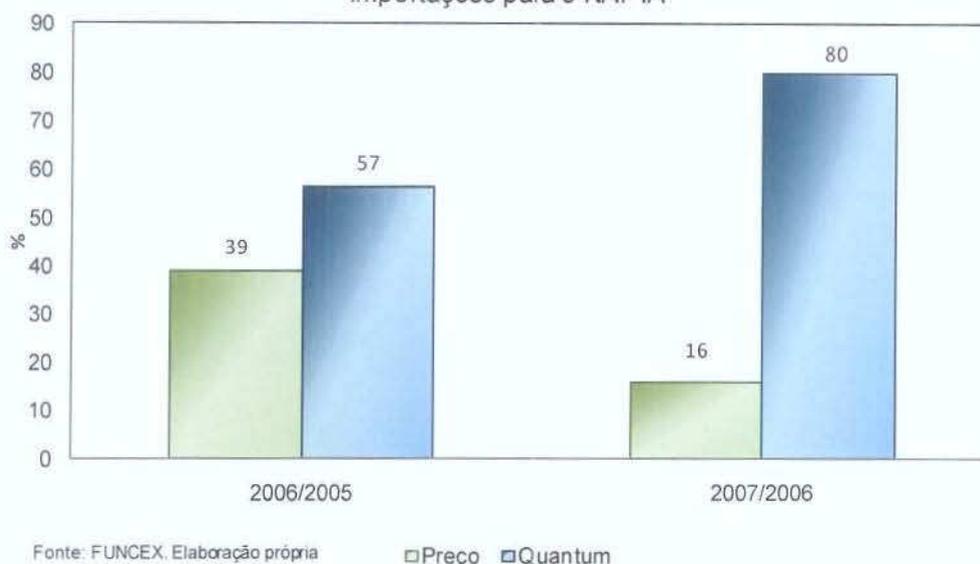


Gráfico 30 - Contribuição das variações de preço e quantum das importações para o NAFTA.



Assim, a tendência observada no primeiro período de maior contribuição do aumento do quantum relativamente à alta dos preços para o crescimento das importações se exacerba entre 2006 e 2007. Enquanto entre 2005 e 2006, o aumento de preços contribuiu com 39% para o aumento das compras do bloco, o aumento do quantum importado respondeu por 57% desse aumento, entre 2006 e 2007, o aumento dos preços representou 16% e o de quantum, 80% para o crescimento das importações.

### 3.3.4. MERCOSUL

As importações providas do MERCOSUL tiveram um crescimento em 2007 de 29,7% em relação ao ano anterior, crescimento inferior à média das outras regiões. Com isso, essa região que representava 9,8% em 2006 da pauta importadora brasileira passou a representar 9,6% em 2007, uma pequena perda de participação.

Assim como nas regiões já discutidas a maior parte das importações era de matérias-primas e produtos intermediários, que nessa região representavam 59,5% da pauta. Com um crescimento de 27,7% em relação ao ano anterior, as matérias-primas e produtos intermediários provenientes dali passaram de 12,0% das importações totais desses produtos em 2006 para 11,6% em 2007.

A importação de bens de consumo cresceu 46,2% em 2007, aumentando sua participação no total dessa região de 24,3% para 27,4% e passando a representar quase 20% das importações totais dessa categoria de uso. As importações de bens de capital, por sua vez, que cresceram 21,1% em relação ao ano anterior perderam participação tanto na pauta de importações daquela região quanto nas importações totais de bens de capital.

As importações de combustíveis e lubrificantes decresceram 5,7% entre 2006 e 2007. Dessa forma, esses bens passaram a representar 4,0% das importações oriundas do bloco e as importações de combustíveis e lubrificantes do bloco passaram de 3,2% para 2,3% das importações totais desses bens.

Entre 2005 e 2006, as importações oriundas do bloco sul-americano cresceram 26%, uma vez que os preços foram, em 2006, 12% superiores ao ano anterior e o quantum cresceu 14%. Assim, o aumento dos preços contribuiu com 44% para o crescimento das importações, enquanto o aumento do quantum colaborou com 50%.

No período seguinte, todavia, quando as importações foram 28% superiores às de 2006, os preços cresceram a um ritmo superior ao crescimento do quantum (15% e 13% respectivamente). Dessa maneira, o aumento dos preços passou a contribuir mais (50%) para o crescimento das compras brasileiras junto ao bloco do que o aumento do quantum (44%).

Gráfico 31 - Variação dos índices de preço, quantum e valor para o MERCOSUL

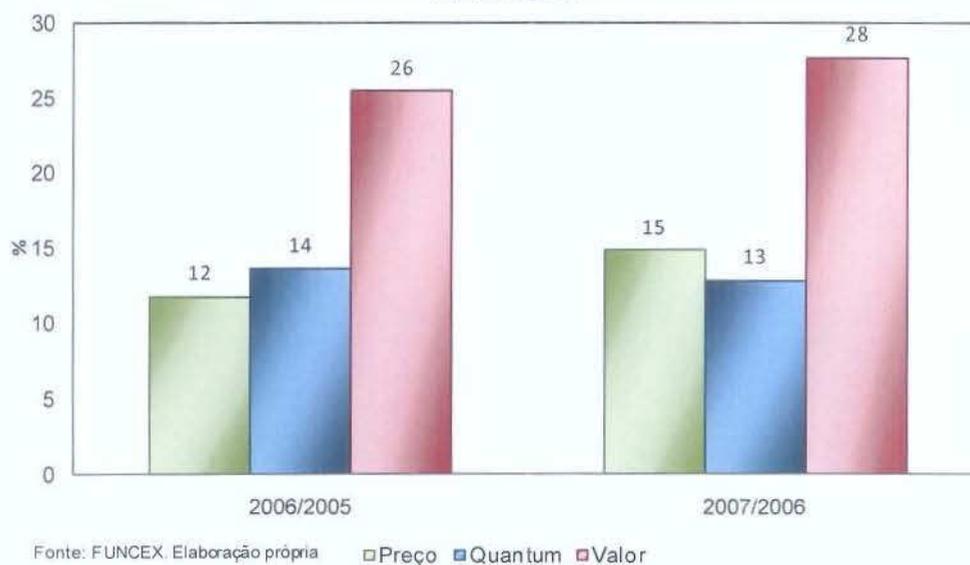
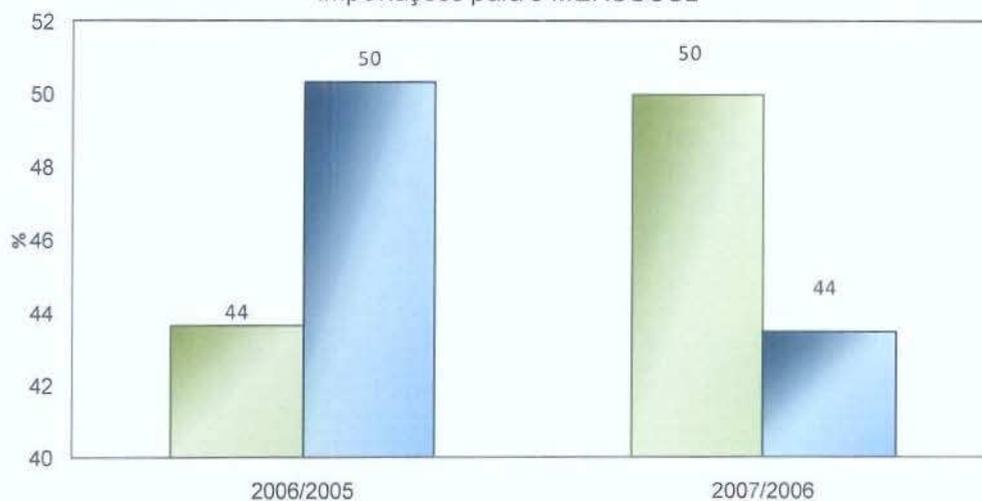


Gráfico 32 - Contribuição das variações de preço e quantum das importações para o MERCOSUL



Fonte: FUNCEX. Elaboração própria

□ Preço ■ Quantum

#### 4 . Saldo Comercial

O Brasil obteve em 2007 um saldo comercial superior a US\$ 40 bilhões. Todavia esse saldo foi 13,8% inferior ao obtido no ano anterior, em decorrência da desaceleração do crescimento das exportações e do forte ritmo de crescimento das importações.

Tal saldo positivo, no entanto, não pôde ser observado em todas as categorias de uso. Enquanto o superávit em bens de consumo cresceu no período e em matérias-primas e produtos intermediários desacelerou, o déficit em combustíveis e lubrificantes aumentou e o superávit em bens de capital de 2006 se transformou em déficit de quase US\$ 2 bilhões.

No que se refere ao comércio com os Estados Unidos e Canadá, o Brasil permanece superavitário no geral e em todas as categorias de uso, embora esse superávit tenha diminuído 36% no período. Já em relação à União Européia, o Brasil sustentou seu superávit total através do aumento do saldo em bens de consumo e matérias-primas e produtos intermediários, mesmo com a ampliação no déficit em bens de capital.

**Tabela 9 - Saldo comercial brasileiro por categorias de uso (em US\$ milhões FOB)**

	Ano	Total	Bens de Capital	Bens de Consumo	Combustíveis e Lubrificantes	Matérias-Primas e Produtos Intermediários
Total	2006	46.457	527	16.164	-4.718	31.870
	2007	40.028	-1.925	18.939	-6.896	28.915
	Variação	-13,8%	-465,4%	4,8%	46,2%	-9,3%
EUA+Canadá	2006	11.009	600	2.488	1.119	6.802
	2007	7.044	564	2.169	1.953	2.358
	Variação	-36,0%	-6,1%	-12,8%	74,5%	-65,3%
UE	2006	10.791	-3.413	4.040	953	9.211
	2007	13.635	-4.632	5.102	1.379	11.786
	Variação	26,4%	35,7%	26,3%	44,8%	28,0%
MERCOSUL	2006	5.014	2.442	948	183	1.442
	2007	5.721	2.873	703	506	1.639
	Variação	14,1%	17,7%	-25,8%	176,6%	13,7%
Ásia	2006	-2.081	-6.210	-1.602	489	5.241
	2007	-5.642	-8.530	-2.328	-293	5.509
	Variação	171,1%	37,4%	45,3%	-159,9%	5,1%
Japão	2006	55	-816	499	60	312
	2007	-268	-1.064	558	152	66
	Variação	-624,1%	30,4%	11,8%	152,3%	-78,8%
China	2006	413	-1.636	-1.239	834	2.454
	2007	-1.869	-2.739	-1.900	837	1.934
	Variação	-552,5%	67,4%	53,3%	0,4%	-21,2%
Pacífico	2006	-2.506	-947	444	518	-2.522
	2007	-2.687	-961	551	318	-2.595
	Variação	7,2%	1,6%	24,0%	-38,6%	2,9%

Fonte: FUNCEX. Elaboração própria

A única região analisada com a qual o Brasil consegue obter superávits em bens de capital é o Mercosul. No comércio com essa região o Brasil também obtém saldo positivo em todas as demais categorias. Dessa forma, a região se apresenta como um importante parceiro comercial brasileiro que lhe permite obter superávits em categorias de uso que o Brasil é deficitário com outras regiões, como bens de capital. Na Ásia no entanto, a situação é inversa. Os déficits comerciais têm se expandido, fruto de um aumento de saldos negativos em bens de capital e devido ao baixo crescimento do superávit em matérias-primas e produtos intermediários.

Nas regiões da Ásia aqui analisadas, o superávit comercial nessa categoria tem, ou se reduzido, ou tem se tornado negativo, ampliando dessa forma e com o aumento de saldos negativos em bens de capital, o déficit total com países como China e Japão e com a região do Pacífico.

## 5 . Conclusões

As exportações brasileiras continuaram a crescer em 2007, embora o ritmo desse crescimento tenha se desacelerado em relação aos últimos anos. A maior parte dessas exportações continua sendo constituída de matérias-primas e produtos intermediários em todas as principais regiões analisadas.

Tal crescimento ocorreu de maneira geral, principalmente em decorrência do aumento dos preços dos bens exportados, beneficiados pela fase de alta do ciclo de preços das commodities. Em todas as regiões isso pôde ser verificado, com intensidades diferentes, exceto para o Mercosul, aonde as exportações de bens de capital detém maior participação. Assim, nessa região, em 2007, o principal fator para o crescimento das exportações foi o aumento do quantum exportado.

É importante salientar que o crescimento dessas exportações se deu em decorrência de uma melhora das condições externas dos países da região, devido à alta dos preços das commodities, produtos que compõem boa parte das exportações desses países. Com a queda dos preços desses bens em 2007, espera-se que as exportações brasileiras sejam duplamente atingidas: de um lado, pela queda de suas exportações devido ao efeito direto da diminuição dos preços das commodities e de outro afetado pela queda das importações de bens brasileiros pelo Mercosul, devido ao desaquecimento dessas economias.

As importações brasileiras por sua vez, crescem em ritmo cada vez mais acentuado, levando pela primeira vez desde 2003 a uma redução do saldo comercial em relação ao ano anterior. Assim como nas exportações, matérias-primas e bens intermediários constituíram a principal categoria de uso importada, embora venham perdendo participação para as importações de bens de capital.

Ao contrário do que ocorre com as exportações, o principal fator determinante para o crescimento das compras brasileiras foi, em 2007, o aumento do quantum importado para todas as regiões. Aqui, o Mercosul, onde matérias-primas e produtos intermediários tem peso maior na pauta do que nas outras regiões, o principal fator para o crescimento das importações foi o aumento dos preços.

Dessa forma, o Brasil se apresenta como um exportador líquido de matérias-primas e produtos intermediários, e um importador líquido de bens de capital. Regionalmente, todavia, embora o Brasil seja também um exportador líquido de

matérias-primas e bens intermediários, o principal responsável pelo superávit comercial com os países próximos (Mercosul) é o saldo positivo em bens de capital.

## 6 . Bibliografia

CARCANHOLO, M. D. *Desregulamentação e Abertura Financeiras: repercussões sobre a autonomia da política econômica e as crises cambiais*. Cadernos PUC-Economia, São Paulo, n. 9, p. 85-111, 2000.

PAULANI, L. M. ; BRAGA, M. B. *A Nova Contabilidade Social*. São Paulo, Editora Saraiva, 2005.

PRATES, D. M. *A inserção externa da economia brasileira no governo Lula*. Política Econômica em Foco, n.7, nov./2005-abr./2006 (seção IV), boletim do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica do Instituto de Economia da Unicamp, 2006.

PRATES, D. M. *Relatório 1. Os determinantes das taxas de câmbio nominal e real no Brasil após a adoção do regime de câmbio flutuante, Sub-projeto III. Integração cambial e monetária, dinâmica do balanço de pagamentos e trajetória da taxa de câmbio*. Projeto de pesquisa: O Brasil na era da globalização: condicionantes domésticos e internacionais ao desenvolvimento, 2007.

PRATES, Daniela Magalhães; CUNHA, André Moreira; FERREIRA, Adriana Nunes. *O Balanço de Pagamentos*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp (Trabalho não publicado).

PUGA, F.P. *Aumento das Importações não gerou desindustrialização*. Estrutura e competitividade da indústria brasileira. Visão do Desenvolvimento, BNDES, 2007.